



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

Isabella Coelho Veloso

**FEMINISMO DIGITAL:  
ANÁLISE DO MOVIMENTO #METOO NO BRASIL**

Brasília (DF)  
Novembro de 2019

Isabella Coelho Veloso

**FEMINISMO DIGITAL:  
ANÁLISE DO MOVIMENTO #METOO NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, orientado pela professora Dra. Kátia Belisário.

Brasília (DF)  
Novembro de 2019

**FEMINISMO DIGITAL:  
ANÁLISE DO MOVIMENTO #METOO NO BRASIL**

Isabella Coelho Veloso

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, orientado pela professora Dra. Kátia Belisário.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Profa. Dra. Kátia Belisário (Orientadora)

---

Profa. Dra. Márcia Marques (Membro)

---

Profa. Dra. Rafiza Carvalho (Membro)

---

Profa. Dra. Elen Geraldês (Suplente)

---

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Kátia Belisário, por ter acreditado no meu trabalho. Agradeço por todo o apoio, paciência e pelas palavras incentivadoras que me ajudaram muito na realização deste trabalho.

Aos meus pais por toda ajuda que me deram ao longo da vida. Desde pequena, os senhores me mostraram a importância da educação e o quanto ela enriquece nossas vidas. Obrigada por todo o investimento, todo o esforço que tiveram para me fornecer o melhor em termos de qualidade de ensino. Obrigada por todas as palavras de incentivo, por sempre estarem atentos e confiarem nas minhas decisões. Se cheguei até aqui foi por causa de vocês e por isso sou eternamente grata.

À minha namorada, Leylanne Alencar, que me ajudou não só a realizar esta pesquisa, mas me deu todo o apoio emocional que precisei ao longo deste período tão intenso e difícil que é a realização de uma monografia. Eu te amo!

Aos meus amigos que fiz ao longo desta trajetória acadêmica, em especial ao Michael Araújo, Michael Rios, Maria Carolina Brito, Victor Gomes e Lucas Ludgero. Vocês foram imensamente importantes para a construção de quem eu sou hoje e fizeram esta etapa da vida muito mais divertida e especial.

À minha amiga de longa data, Byanca Balbino, por todas as boas risadas e ao apoio de sempre. Obrigada por sempre estar presente na minha vida, me escutar e me ajudar a superar meus problemas.

Ao meu querido colega de curso Luís Felgueira, que infelizmente nos deixou este ano. Nunca vou esquecer das nossas conversas no ônibus e no Restaurante Universitário (RU) quando falávamos da vida e dos nossos planos para quando terminássemos a faculdade. Sua força de seguir os sonhos, essa luz que você tinha eu sempre guardarei no meu coração. Descanse em paz, amigo!

## RESUMO

O presente estudo objetiva analisar se e como as brasileiras participaram do movimento *Me Too* na rede social *Twitter*. As perguntas de pesquisa que guiam o trabalho são: as brasileiras denunciaram casos de assédio sexual na *hashtag* #metoo? Qual foi o período de maior frequência? E quais os temas mais abordados? Utilizou-se como procedimento metodológico a análise de conteúdo, com base em Bardin, (1977) das postagens brasileiras da *hashtags* #metoo, #eutambem e #eutambém, no período entre 15 de outubro de 2017 e 30 de abril de 2019. Ao todo, analisou-se 107 tuítes nos dias de maior pico no Brasil. Em seguida, dividiu-se a análise por categorias (local, autor, sentimentos e redes de apoio). O aporte teórico baseou-se nos conceitos de internet, redes sociais, especificamente o *Twitter*, teorias feministas, comunicação digital e ciberativismo. Os resultados encontrados mostram que a mulher ainda é relegada ao espaço doméstico, havendo dificuldade em conquistar o espaço público (rua). Apesar disso, o autor da violência é sobretudo o namorado (companheiro, parceiro, marido) que se sente no direito ao acesso ilimitado ao corpo da mulher. Observou-se ainda a naturalização da violência (assédio, estupro, doméstico). Isso se deve à superioridade masculina em um contexto em que o homem pode tudo e a mulher deve ser subjugada. Neste contexto, o ciberfeminismo mostra-se como uma importante forma de denunciar assédios e outras violências, além de permitir à mulher o compartilhamento de suas histórias com outras vítimas, formando, assim, uma rede de apoio e acolhimento.

### **Palavras-chaves:**

Violência de Gênero; Assédio Sexual; Twitter; Ciberfeminismo; #metoo;

## **ABSTRACT**

The present study aims to analyze if and how Brazilian women participated in the Me Too movement on the social network Twitter. The research questions that guide the work are: did Brazilian women report cases of sexual harassment in the hashtag #metoo? What was the most frequent period? And what are the most discussed topics? The methodological procedure was the content analysis, based on Bardin, (1977) of the Brazilian posts of the hashtags #metoo, #eutambem and #eutambém also, between October 15, 2017 and April 30, 2019. In all, 107 tweets were analyzed on the peak days in Brazil. Then, the analysis was divided by categories (location, author, feelings and support networks). The theoretical support was based on the concepts of internet, social networks, specifically Twitter, feminist theories, digital communication and cyberactivism. The results shows that women are still relegated to the domestic space, having difficulty conquering the public space (street). Nevertheless, the perpetrator of the violence is mainly the boyfriend (partner, husband) who feels entitled to unlimited access to the woman's body. There was also a naturalization of violence (harassment, rape, domestic). This is due to male superiority in a context where man can do everything and woman must be subdued. In this context, cyberfeminism is an important way to report harassment and other violence, as well as allowing women to share their stories with other victims, thus forming a support and host network.

### **Key-words:**

Gender Violence; Sexual Harassment; Twitter; Cyberfeminism; #Metoo

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página de um usuário no <i>Twitter</i> .....	23
Figura 2 - Tuíte da atriz Alyssa Milano.....	44
Figura 3 - Plataforma <i>Me Too Rising</i> .....	44
Figura 4 - Gráfico do quantitativo dos tuítes entre os dias 15/10/2017 e 30/04/2019.....	49
Figura 5 - Tabela com as datas e o quantitativo de tuítes correspondentes.....	50
Figura 6 - Quadro dos tuítes da categoria Local.....	52
Figura 7 - Nuvem de palavras da categoria Local.....	53
Figura 8 - Quadro dos tuítes da categoria Autor.....	55
Figura 9 - Nuvem de palavras da categoria Autor.....	55
Figura 10 - Quadro dos tuítes da categoria Sentimento.....	57
Figura 11 - Nuvem de palavras da categoria Sentimento.....	59
Figura 12 - Quadro dos tuítes da categoria Apoio .....	60
Figura 13 - Nuvem de palavras da categoria Apoio.....	61
Figura 14 - Quadro dos tuítes da categoria Imprensa.....	71

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Revisão Teórica: A Internet e as Redes Sociais.....	14
1.1 Uma Breve História Da Internet.....	14
1.2. As Redes Sociais.....	16
1.3. Os Sites De Redes Sociais.....	18
1.4 O <i>Twitter</i> .....	21
2. O Movimento Feminista e a Violência De Gênero.....	24
2.1 A Primeira Onda .....	24
2.2 A Segunda Onda.....	26
2.3 A Terceira Onda.....	28
2.4 A Quarta Onda.....	31
2.5 Violência Contra as Mulheres.....	33
3. Feminismo Digital.....	36
3.1 Ciberativismo .....	36
3.2 Ciberfeminismo.....	37
3.3 O Movimento #Metoo.....	41
4. Metodologia.....	46
4.1 Delimitação do Corpus Da Pesquisa.....	47
4.2 Levantamento dos Tuítes: <i>Python</i> .....	48
4.3 Levantamento dos Tuítes: <i>Data Miner Scraper</i> .....	48
4.4 Tratamento dos Dados.....	49
5. Análise de Resultados.....	51
5.1 Categoria Local.....	51
5.2 Categoria Autor.....	55
5.3 Categoria Sentimento.....	57
5.4 Categoria Apoio.....	60
Considerações Finais .....	63

Referências Bibliográficas .....	66
Anexos.....	71

## INTRODUÇÃO

A violência de gênero é uma difícil realidade de diversas mulheres e se tornou uma pandemia mundial<sup>1</sup>. Este é o diagnóstico dado pelo secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, em 2018, quando se pronunciava sobre o tema em um evento organizado pela instituição.

Os dados corroboram a observação do secretário. Segundo a Organização Mundial da Saúde<sup>2</sup> (OMS), de 2017, 35% das mulheres no mundo já sofreram algum tipo de violência sexual. Além disso, de acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC)<sup>3</sup>, 58% das pessoas do gênero feminino assassinadas naquele ano foram vítimas dos cônjuges ou de homens da família.

O Brasil, infelizmente, não é exceção. Segundo relatório da organização internacional não-governamental *Humans Righth Watch*<sup>4</sup> de 2017, o país tem a maior taxa de homicídio de mulheres de qualquer nação membro da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A edição do Atlas da Violência<sup>5</sup>, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2019, revela que as mulheres negras são as que mais sofrem. Entre 2007 e 2017, a taxa de feminicídio para esse grupo social cresceu 29,9%, enquanto para as não negras aumentou 1,6%.

Para além de casos de feminicídio, o assédio sexual tem se tornado assunto mais comum na sociedade em geral. Este tipo de violência engloba desde olhares insistentes, comentários com teor sexual, toques indesejados pelo corpo, entre outros.

No Brasil, uma pesquisa do instituto de pesquisa Datafolha<sup>6</sup>, de 2017, aponta que 42% das mulheres declararam terem sido assediadas, sendo a rua (29%), transporte público (22%) e

---

<sup>1</sup> A informação está disponível em: < <https://nacoesunidas.org/violencia-contra-as-mulheres-e-pandemia-global-diz-chefe-da-onu/>

>. Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>2</sup> Os dados estão disponíveis em:

<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820)> Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>3</sup> Os dados estão disponíveis em: <[https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/GSH2018/GSH18\\_Gender-related\\_killing\\_of\\_women\\_and\\_girls.pdf](https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/GSH2018/GSH18_Gender-related_killing_of_women_and_girls.pdf)> Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>4</sup> <<https://www.hrw.org/pt/report/2017/06/21/305484>> Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>5</sup> Os dados estão disponíveis em:

<[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)> Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>6</sup> Os dados estão disponíveis em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/01/1949701-42-das-mulheres-ja-sofreram-assedio-sexual.shtml>> Último acesso em 18 nov. 2019

o ambiente de trabalho (15%) os locais mais relatados. Em 2019, 97% das mulheres chegaram a admitir que sofreram assédio em transporte público, segundo o Instituto Patrícia Galvão e Locomotiva<sup>7</sup>.

O assédio sexual é ainda uma das violências mais temidas pelas jovens de 14 a 21 anos de idade. De acordo com um relatório da Organização Internacional de Combate à Pobreza (ActionAid)<sup>8</sup>, publicado em 2019, 53% das brasileiras nessa faixa etária têm medo de serem assediadas diariamente. O Brasil, torna-se, assim, o país onde as meninas se sentem mais ameaçadas em comparação com nações como Quênia (24%), Índia (16%) e Reino Unido (14%).

Neste contexto de grande violência de gênero no mundo, surge em 2006 um movimento contra o assédio sexual, chamado *Me Too* (Eu Também, em português). Criada pela ativista social norte-americana Tarana Burke, o movimento buscava unir vítimas para que juntas se fortalecessem, se apoiassem e buscassem soluções contra este tipo de crime. Onze anos mais tarde, uma atriz de Hollywood chamada Alyssa Milano incentivou as mulheres a compartilharem suas histórias de assédio nas redes sociais utilizando a *hashtag* #metoo.

A proposta era uma resposta às recentes notícias de importantes nomes do cinema e da televisão dos Estados Unidos que foram acusados de assédio por centenas de mulheres. Entre eles, o produtor Harvey Weinstein, que já havia sido chamado de o homem mais poderoso de Hollywood.

O *Me Too* tornou-se em dois anos um movimento onde milhares de pessoas relatam histórias de violência e contou com a participação de diversas celebridades no mundo que impulsionaram a popularização do termo em todo o planeta.

Com base nas informações expostas acima, o **objetivo geral** do trabalho é analisar as postagens do *Twitter* que utilizaram a *hashtag* #metoo e suas variações em português, #eutambem e #eutambém no Brasil.

---

<sup>7</sup>Os dados estão disponíveis em: <[https://assets-institucional-  
ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/07/Apresenta%C3%A7%C3%A3o\\_Patr%C3%ADcia\\_Galv%C3%A3o\\_Locomotiva\\_Seguran%C3%A7a\\_das\\_mulheres\\_no\\_transporte\\_18\\_de\\_jun.pdf](https://assets-institucional-<br/>ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2019/07/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Patr%C3%ADcia_Galv%C3%A3o_Locomotiva_Seguran%C3%A7a_das_mulheres_no_transporte_18_de_jun.pdf)> \_Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>8</sup> Os dados estão disponíveis em: <[http://actionaid.org.br/na\\_midia/pesquisa-assedio/](http://actionaid.org.br/na_midia/pesquisa-assedio/)> \_Último acesso em 18 nov. 2019

Os **objetivos específicos** incluem: 1. selecionar as postagens do #metoo no *Twitter* por período de maior pico no Brasil; 2. Categorizar os temas mais abordados; 3. Proceder a análise de conteúdo; 4. Analisar os resultados.

Os questionamentos, ou **perguntas de pesquisa**, que guiaram o estudo são os seguintes: As brasileiras e brasileiros denunciaram casos de assédio sexual na *hashtag* #metoo? Qual foi o período de maior frequência? E quais os temas mais abordados?

Para responder a essas perguntas selecionamos, inicialmente, o período entre 15 de outubro de 2017 - data da publicação da atriz Alyssa Milano - a 30 de abril de 2019 - dia da realização da coleta dos dados. Comprovamos durante o período, que os dias de maior uso da *hashtag* foram respectivamente 16, 17, 18, 19, 24, 25 de outubro de 2017; 06 e 20 de dezembro de 2017; 02 e 07 de janeiro de 2018. Esses foram os dias analisados, contabilizando 107 tuítes. Posteriormente dividimos em categorias de análise. A metodologia usada foi a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2009), o método permite a partir de procedimentos sistemáticos, obter indicadores que permitem a inferência de conhecimentos relativos à mensagem analisada, permitindo interpretações no discurso.

A escolha de se analisar como os brasileiros e brasileiras se manifestaram no *Me Too* se deu pelo impacto que o movimento causou em diversos países no mundo. Uma análise feita pelo jornal *The New York Times*<sup>9</sup> informa que desde a denúncia contra Weinstein, 201 homens influentes e poderosos dos Estados Unidos foram demitidos, por terem sido acusados de assédio sexual e cerca de metade dos cargos foram ocupados por mulheres.

Na Índia, denúncias contra famosos atores da indústria de cinema do país geraram debates sobre o crime<sup>10</sup>. No conservador país da Coreia do Sul, uma procuradora denunciou um colega de apalpá-la diversas vezes<sup>11</sup>.

Dentro deste contexto, se torna relevante pesquisar como o Brasil reagiu a esse movimento. Além disso, como os eventos ainda são muito recentes, poucas pesquisas sobre o

---

<sup>9</sup> A informação está disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/levantamento-mostra-que-movimento-metoo-tirou-201-homens-do-poder-23183032>[http://actionaid.org.br/na\\_midia/pesquisa-assedio/](http://actionaid.org.br/na_midia/pesquisa-assedio/)> \_Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>10</sup>A informação está disponível em: < <https://economictimes.indiatimes.com/magazines/panache/2018-the-year-when-metoo-shook-india/nana-patekar-tanushree-dutta/slideshow/66346305.cms>  
<https://www.bloomberg.com/news/features/2019-10-12/-metoo-in-india-one-year-later-how-cases-played-out-for-accusers>[http://actionaid.org.br/na\\_midia/pesquisa-assedio/](http://actionaid.org.br/na_midia/pesquisa-assedio/)> \_Último acesso em 18 nov. 2019

<sup>11</sup> A informação está disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/entry/me-too-south-korea-sports-sexual-assault\\_br\\_5c6b09d5e4b0b9cc78ff3826](https://www.huffpostbrasil.com/entry/me-too-south-korea-sports-sexual-assault_br_5c6b09d5e4b0b9cc78ff3826)[http://actionaid.org.br/na\\_midia/pesquisa-assedio/](http://actionaid.org.br/na_midia/pesquisa-assedio/)> \_Último acesso em 18 nov. 2019

assunto foram realizadas no país, tendo este trabalho tentado contribuir nos estudos sobre o ativismo feminista digital no país.

O presente estudo se divide em cinco capítulos. O primeiro, intitulado, Internet e redes sociais, apresenta um breve histórico sobre o tema. Autores como Castells (2001) mostram como a internet foi o resultado do trabalho do Departamento de Defesa dos EUA em conjunto com universidades daquele país. Em redes sociais, Recuero (2009) explica a mecânica desse sistema: como ela depende da interação entre os autores e como estes constroem laços relacionais fortes, além de detalhar o funcionamento do *Twitter*. Já Boyd e Ellison (2007), apresentam como sites de redes sociais foram criados.

O segundo capítulo trata do movimento feminista e da violência contra as mulheres, que traz uma revisão histórica do feminismo e da violência sexual, dividida em quatro períodos específicos, chamados ondas. Aqui são utilizados como referência autoras como Simone de Beauvoir (1949), Carole Pateman (1988), Heleieth Saffioti (2004). Neste espaço, são tratados temas como gênero, sexo e interseccionalidade, além de como o patriarcado é importante fator para a violência contra mulheres.

Em seguida, o capítulo 3 fala sobre feminismo digital. É mostrado como o movimento feminista opera em ambiente virtual, principalmente a partir do uso de *hashtags*. Primeiramente, autores como Silveira (2010) e Lemos (2004) foram utilizados como aporte teórico para explicar como a internet se tornou instrumento de ativismo social e como ele permitiu espaço para grupos minoritários ganharem espaço e força. Posteriormente, Mendes, Keller e Ringrose (2018) explicam como o enfrentamento à violência sexual tem ganhado destaque nas redes e como o movimento *Me Too* ocorreu.

Já o capítulo 4 trata da análise, utilizando como referência, como citado anteriormente, Bardin (1977) para a realização da análise de conteúdo. Conforme proposto pela autora, o método é dividido em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, incluindo a inferência e a interpretação.

O capítulo 5 apresenta os resultados da pesquisa. A partir deste procedimento chegou-se à conclusão de que os brasileiros e brasileiras denunciaram casos de assédio sexual utilizando as *hashtags* #metoo, #eutambem e #eutambém. Foi possível com os dados coletados perceber como o ambiente público ainda é um espaço de dominação masculina, onde as mulheres são vítimas de diversos tipos de violência sexual. Além disso, percebeu-se que o movimento ultrapassou o assédio e abarcou temas como estupro, relacionamento abusivo, entre outros.

# 1. REVISÃO TEÓRICA: A INTERNET E AS REDES SOCIAIS

## 1.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA INTERNET

A internet é uma das principais formas de comunicação e uma importante fonte de informação para cerca de 4 bilhões de usuários. Sua criação foi resultado da ação de pesquisadores de universidades norte-americanas e europeias, agências de segurança e pessoas apaixonadas pela computação.

O início se deu em 1958, quando o Departamento de Defesa dos Estados Unidos fundou a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (Arpa), criada para desenvolver projetos com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica em relação à União Soviética (URSS), no contexto da Guerra Fria. Segundo Carvalho (2006), a agência foi uma resposta do governo norte-americano ao lançamento do satélite Sputnik I, pela URSS, em outubro de 1957.

Segundo Carvalho (2006), a Arpa quase chegou a ser cancelada devido à transferência do programa de satélites para a recém fundada Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (*National Aeronautics and Space Administration*, NASA) e os demais programas envolvendo mísseis balísticos passaram a outras agências militares.

Assim, para se manter relevante e garantir sua existência, a Arpa teve que mudar o foco de seus objetivos. Com isso, foram priorizadas “pesquisas básicas de longo prazo, através da participação das universidades, que até então estavam fora dos planos do Departamento de Defesa” (CARVALHO, 2006, pg. 9). Logo, em 1969, foi desenvolvida a Arpanet, a primeira rede de computadores.

Castells (2001) destaca a mudança do viés militar para a valorização de pesquisa acadêmica de longo prazo. Para o autor, a Arpa tornou-se um ambiente de ampla liberdade de criação, onde valorizava-se a autonomia de seus integrantes e não havia a pressão para apresentar resultados rápidos para missões militares, como em outras instituições.

Portanto a Arpanet, a principal fonte do que viria a ser afinal a internet, não foi uma consequência fortuita de um programa de pesquisa que corria em paralelo. Foi prefigurada, deliberadamente projetada e subsequentemente administrada por um grupo determinado de cientistas da computação que compartilhavam uma missão que pouco tinha a ver com estratégia militar.

Enraizou-se num sonho científico de transformar o mundo através da comunicação por computador. (CASTELLS, 2001, pg. 21).

Na década de 1970, a Arpa desenvolveu outras duas redes: a Prnet, uma rede de pacotes por rádio e a Satnet, por satélites. Ambas possuíam uma linguagem distinta, assim como a Arpanet. Logo, as pesquisas voltaram-se para criar uma arquitetura básica para que as três redes pudessem se comunicar. Essa missão foi chamada de Projeto Internet.

A possibilidade de interação entre essas redes foi possível graças ao advento dos protocolos de comunicação padronizado chamado *Transmission Control Protocol/Internet Protocol* (TCP/IP), que é utilizado até hoje pela internet.

Em 1990, provedores de internet montaram suas próprias redes e as comercializam, expandindo, assim, a Net a nível global. Outra novidade, foi a criação da *World Wide Web* (WWW), uma ferramenta que “organizava o teor dos sítios da Internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas”. (CASTELLS, 2001, p. 88).

Esse sistema permite interconectar através de vínculos hipertextos todos os documentos digitalizados do planeta e de torná-los acessíveis com alguns cliques a partir de qualquer ponto do globo. Trata-se, provavelmente, da maior revolução na história da escrita desde a invenção da imprensa. (PIERRY, 1998, pg. 44)

No Brasil, o ano de 1990 marcou a criação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), com o objetivo de implementar a internet em todo o país. No entanto, foi somente em 1994 que se teve o início do processo quando a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) iniciou o serviço de internet discada com um pequeno grupo de usuários. Posteriormente, na segunda fase, houve um aumento do número de participantes, chegando a 15 mil usuários em 1995.

O monopólio da Embratel, uma empresa estatal, sobre a internet gerou críticas de diversos setores da sociedade, que defendiam uma distribuição comercial. Para evitar mais críticas e seguindo a linha de privatizações adotadas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, o MCT reforçou o caráter público da internet, desvinculando a rede das atividades da estatal de telecomunicações e abrindo ao mercado privado.

## 1.2. AS REDES SOCIAIS

Desde seu início, a internet mobilizou a formação de grupos sociais que passaram a interagir entre si. Castells (2001) destaca que na época da Arpanet os estudantes universitários chegaram a se reunir em grupos de correspondências eletrônicas para conversar sobre ficção científica ou até de oportunidades de compra de maconha. Para o autor, a internet sempre fez parte da prática social.

Segundo Recuero (2009), a comunicação mediada pelo computador mudou a forma como as pessoas interagem entre si, se organizam e se identificam. Para além de se comunicar, esses aparelhos permitiram uma maior capacidade de conexão, contribuindo assim para a criação de redes sociais.

Recuero (2009) define uma rede social como:

um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, pg.24)

Segundo Wasserman e Faust (*apud* RECUERO, 2009), para se analisar uma rede social é preciso distinguir dois conceitos que envolvem uma rede que são os atores e as relações sociais. Primeiramente, os atores representam os indivíduos envolvidos na rede. Recuero (2009) explica que eles moldam as estruturas sociais através da interação e da constituição de laços sociais.

A autora também observa que por se tratar de redes sociais da internet os atores se comportam de uma maneira diferenciada, possuindo representações de si na net, como um blog, um perfil ou avatar no *Twitter* ou no *Facebook*, por exemplo. Segundo ela, uma das razões para essas representações reside no “distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador”, o que os torna “não discerníveis” (RECUERO, 2009, pg.26)

Essas representações são ferramentas pelas quais os indivíduos expressam suas individualidades e personalidades. Para Döring (*apud* RECUERO, 2009), os websites pessoais são “apropriações individuais do ciberespaço, como forma permanente de construção de si, dentro do foco da pós-modernidade” (RECUERO 2009, pg. 26)

Em consonância ao tema da construção do eu no ciberespaço, Sibilia (2003) argumenta que a individualidade é um processo que ocorreu no mundo ocidental a partir do século XVIII, quando a ideia de esfera pública e privada foi se delimitando. Na época, as pessoas começaram a estabelecer a casa como um espaço de foro íntimo, relegada à família e ao indivíduo. Ali se faziam a escrita de si, a partir de diários íntimos. Eram homens, mulheres e as crianças sendo autoras de sua própria história, relatando suas vivências e suas reflexões, na certeza de haver uma privacidade, onde quem escreve é o único que lê o material.

Já no final do século XX, com o advento da internet e das redes sociais, essa privacidade de certa forma perde o sentido, uma vez que os atores das redes passam a deliberadamente compartilhar com milhares de outras pessoas acontecimentos de suas vidas privadas. Sibilia (2003) reflete que há uma busca pela visibilidade:

Os novos mecanismos de construção e consumo indenitários encenam uma espetacularização do eu por meio de recursos performáticos, que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, ao cobiçado fato de “ser visto”. Não parece se tratar, portanto, de uma introspecção à moda antiga, ou seja: uma sondagem absolutamente privada nas profundezas enigmáticas do eu com objetivos de conhecimento de si, dos outros, da vida e do mundo. Mais do que uma carta remetida a si mesmo, fundamentalmente secreta e introspectiva, então, os “diários íntimos” da Internet constituem verdadeiras cartas-abertas com vocação exteriorizante. (SIBILIA, 2003, pg. 8)

A construção da identidade dentro das redes sociais passou por constantes atualizações das expressões de individualidade à medida que o usuário compartilha mais sobre sua vida, suas opiniões e gostos. Recuero (2009) argumenta que o comportamento dos atores é importante para se entender como as conexões são realizadas, já que os laços sociais são estabelecidos a partir da interação dos atores da rede

Uma interação social no ciberespaço pode ser de dois tipos, segundo Reid (*apud* RECUERO, 2009). A primeira é a comunicação síncrona, onde possui interação em tempo real. A segunda é a assíncrona, onde espera-se uma demora de resposta. Uma outra forma de categorização é a interação mútua e a interação reativa.

Para Primo (*apud* RECUERO, 2009) a interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta.

Já o laço social provém das interações e das relações, sendo chamado de laço relacional. No entanto, Recuero (2009) apresenta um outro tipo de laço, o associativo. Este relaciona

aqueles indivíduos que estabelecem uma conexão com uma instituição ou grupos por um sentimento de pertencimento. Em resumo:

Laços relacionais, deste modo, são aqueles constituídos através de relações sociais, apenas podem acontecer através da interação entre os vários atores de uma rede social. Laços de associação, por outro lado, independem dessa ação, sendo necessário, unicamente, um pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo. (RECUERO, 2009, pg. 39).

Outro elemento importante para uma conexão é o capital social. Segundo Recuero (2009) o conceito de capital social é “associado à ideia de virtude cívica, de moralidade e de seu fortalecimento através de relações recíprocas.” (2009, pg. 45).

Dessa forma, há dois fatores decisivos para a construção do valor social. O primeiro sendo de aspecto individual que trata dos benefícios que o indivíduo conquista ao fazer parte de uma rede social. O segundo é o coletivo que “vem do fato de que o capital social individual reflete-se amplamente na esfera coletiva do grupo, sejam eles como custos ou benefícios” (Recuero, 2009, p.45).

Por fim, o conjunto dos laços sociais forma uma relação social. Para Garton, Haythornthwaite e Wellman (*apud* RECUERO, 2009) as relações sociais mediadas pelo computador são diferentes, porque pela a internet há uma troca de informação por variados sistemas, como e mails, sites pessoais, perfil em redes sociais etc. No entanto, para Recuero (2009) mesmo essa relação não sendo face a face, estando os indivíduos, portanto, dispersos territorialmente, ainda é possível manter laços sociais fortes.

### **1.3. OS SITES DE REDES SOCIAIS**

A partir das observações feitas no tópico anterior que discorre sobre o que é uma rede social, é possível agora fazer uma análise das plataformas voltadas para a criação dessas interações, ou seja, dos sites das redes sociais.

Segundo Boyd e Ellison (2007) um site de rede social é um serviço online que permite aos seus usuários criarem perfis públicos em um sistema limitado, articular uma lista de outros usuários que compartilham uma conexão, visualizar e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema.

Uma característica primordial dos usuários, apontado pelos autores, é que o objetivo não seria estabelecer conexões com estranhos, mas tornar o perfil visível para se comunicar com outras pessoas que já se conhecem em outros espaços.

Ainda segundo Boyd e Ellison (2007), a estrutura básica de um site de rede social consiste em perfis públicos que exibem uma lista de amigos. Um perfil é o espaço em que o usuário pode escrever sobre si e se comunicar através de mensagens públicas ou privadas. Assim, ao entrar nesses sistemas, o indivíduo deve responder a algumas perguntas básicas, como nome, idade, data de nascimento, local de moradia, interesses etc. Além disso, muitos sites oferecem a possibilidade de exibir uma foto de perfil e ainda incluir outras ferramentas multimídia, como vídeos e textos.

Finalizado o processo de criação do perfil, os sites encaminham o novo usuário a uma lista de outras pessoas que ele provavelmente conheça. A depender dos sites, o relacionamento estabelecido nas redes pode ser de amigos (às vezes dependendo de confirmação do outro), seguidores, contatos ou fãs.

Essa estrutura foi primeiramente observada no site americano *SixDegrees.com*, em 1997. A rede social possibilitava a criação de um perfil público, a conexão com outros usuários e uma lista de amigos visível para todos. Havia também a possibilidade de troca de mensagens entre os participantes. O site ficou no ar até os anos 2000, quando seus criadores encontraram dificuldades para manter o negócio.

Segundo Boyd e Ellison (2007), de 1997 a 2001, uma variedade de redes sociais foi criada ao redor do mundo, sendo alguns com objetivos sociais, outros profissionais e até de namoro. No entanto, o grande boom das redes sociais só viria com a *Friendster*, em 2002, que chegou a alcançar três milhões de usuários.

A *Friendster* foi criada pelo engenheiro e empresário norte-americano Jonathan Abrams, na Califórnia para competir com a *Match.com*, um site de namoro online. A mecânica da rede era ajudar a fazer um link do usuário com amigos dos amigos dele, diferentemente do que vinha acontecendo em outras redes desse tipo, que apresentavam os usuários a estranhos. O site foi crescendo, primeiramente, pelas conversas de participantes com pessoas que não faziam parte dessa rede. Logo depois, a imprensa tomou interesse e com isso novos participantes surgiram. No entanto, o crescimento foi tão exponencial que o sistema da rede social não suportava tantos usuários, assim era comum problemas técnicos no site.

Para competir com a *Friendster*, foi criado em 2003, também na Califórnia, a rede social *MySpace.com*. Inicialmente, chamou a atenção de pequenas bandas de Los Angeles e seus fãs, na maioria das vezes adolescentes. Já 2004, milhares de pessoas se inscreveram na rede, principalmente jovens. Uma característica importante e que diferenciava o *MySpace* das outras redes sociais era o fato de sempre adicionar recursos a partir da demanda dos usuários e permitia a personalização da página de perfil.

Em meio a dezenas de redes sociais criadas no início dos anos 2000, vale destacar o *Facebook*, lançado em 2004, pelos empresários norte-americanos Mark Zuckerberg, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, além do empreendedor brasileiro Eduardo Saverin. Na época, todos eram estudantes da Universidade de Harvard (EUA), e direcionaram a rede social apenas aos outros estudantes da instituição. Aos poucos, os criadores foram aumentando a capacidade de usuários para outras universidades, até finalmente, aceitar qualquer pessoa em 2005.

O diferencial dessa rede foi a possibilidade de manter o perfil não visível aos outros participantes. Outra característica apontada por Boyd e Ellison (2007) consiste no “uso de aplicativos que permitem aos usuários personalizar seus perfis e realizar outras tarefas, como comparar preferências de filmes e traçar históricos de viagens”. (Boyd e Ellison, 2007, pg. 218).

O *Facebook* se tornou ao longo dos seus 15 anos a maior rede social do mundo com 2,3 bilhões de usuários ativos, além de ser um nicho de negócios com venda de espaços no site para a publicidade. No entanto, nos últimos dois anos, a empresa tem sofrido críticas de diversos setores da sociedade com o surgimento de notícias e investigações relacionadas a quebra de privacidade dos usuários.

Em 2006, o *Twitter* foi criado pelos empresários e desenvolvedores norte-americanos Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass. Segundo Recuero e Zago (2009) a rede social é uma ferramenta de micro mensagens, onde originalmente o usuário tinha que responder à pergunta “O que você está fazendo?” em até 140 caracteres. Além disso, o participante pode seguir outro e trocar mensagens. Atualmente, o *Twitter* possui 321 milhões de usuários ativos. Mais detalhes dessa rede social serão mostrados no tópico 1.4.

Outra rede social de grande popularidade mundial é o *Instagram*, lançado em 2010 pelo engenheiro de software norte americano Kevin Systrom e pelo engenheiro de software brasileiro Mike Krieger. Segundo Hu, Mankikonda e Kambhampati (2014), essa rede é um

serviço de captura e compartilhamento de foto e vídeo em forma de aplicativo para celulares smartphones. Ele também oferece o uso de filtros nas fotos, ou seja, formas de alterar a imagem coletada. Em 2012, o Instagram foi comprado pelo *Facebook* pelo valor de US\$1 bilhão. Hoje, o site conta com 1 bilhão de usuários ativos.

#### **1.4 O TWITTER**

Segundo Carmona (2009) o *Twitter* é uma rede de micro mensagem criada em 2006 nos Estados Unidos pela iniciativa de desenvolvedores de aplicações para a web e de investidores. O objetivo era criar uma rede social que tivesse uma grande adesão e que “fosse capaz de trabalhar com um leque variado de mídias de comunicação, abrangendo desde o SMS até sites especializados” (2009, pg. 7).

Em 2018, a rede social possuía 321 milhões de usuários ativos e a empresa teve lucro de US\$ 3,04 bilhões em receita e US\$ 2,6 bilhões em publicidade. Recuero e Zago (2010) explicam que o *Twitter* funciona a partir da:

(...) criação de uma conta pelo ator, a qual lhe dá acesso a uma página onde poderá publicar suas mensagens. Cada ator pode determinar quem deseja seguir (a categoria *following*, aqueles atores de quem receberá as atualizações) e também poderá ser seguido por outros usuários (os *followers*, aqueles que vão receber as suas atualizações). Por definição, as atualizações (os *tweets*) são públicas, mas os atores podem configurar suas contas para que elas se tornem de acesso privado. A página criada na ferramenta também pode ser personalizada pelo ator, por meio da escolha de avatar, cores, imagens etc. (RECUERO E ZAGO, 2010, pg. 70-71)

Como já mencionado no tópico anterior (1.3), as postagens (tuítes) deveriam ser escritas em até 140 caracteres. No entanto, desde novembro de 2017, a empresa aumentou esse número para 280.

Uma das ferramentas disponíveis no *Twitter* são as menções (*mentions*). Segundo Recuero e Zago (2010), essa ação é possível a partir do uso do símbolo ‘@’ seguido do nome do usuário, por exemplo @nomedapessoa, e tem por objetivo direcionar a mensagem para o perfil citado, assim o destinatário irá receber uma notificação de que foi mencionado em um tuíte e poderá respondê-lo.

Outra possibilidade, apontada por Pereira e Cardins (2010), é o de retuitar (*retweet*) um post. A ação é comumente chamada no Brasil de “dar RT” e trata do encaminhamento de um tuíte feito por outra pessoa, que possa ter gerado identificação, discordância ou chamado a

atenção, “fazendo assim uma divulgação maior daquele fato, garantindo os créditos ao autor do post” (PEREIRA E CARDINS, 2010, pg. 8).

No *Twitter* há uma lista dos assuntos mais comentados na rede chamado de *Trending Topics*. Segundo Moura e Mandaji (2014) essa ferramenta

(...) possibilita o agrupamento de postagens por tópicos, articulando determinadas palavras, frases ou expressões precedidas pelo símbolo suspenso “#”, chamado *hashtag*. (MOURA E MANDAJI, 2014, pg.6).

O *Twitter* foi a primeira rede social a utilizar a *hashtag* em 2007, seguido pelo Instagram, em 2011, e do Facebook, em 2013. Segundo Moura e Mandaji (2014), a ferramenta tem relação com o processo de indexação de conteúdo publicado pelos usuários e está ligado ao termo folksonomia, utilizado pela primeira vez pelo arquiteto de informações norte-americano Wander Wal (2007), que trata da “livre classificação de informação, realizada dentro de um ambiente social, compartilhada e aberta aos demais usuários da rede” (MOURA E MANDAJI, 2014, pg. 6).

A classificação pode ser realizada a partir de palavras-chaves. Em inglês usa-se o termo *tag*, que significa etiqueta. De acordo com Moura e Mandaji (2014) esse mecanismo permite “ao usuário visualizar suas próprias marcações e compartilhá-las, além de visualizar as marcações feitas por outros usuários e acessar informações relacionadas a essas tags na rede” (MOURA E MANDAJI, 2014, p.6).

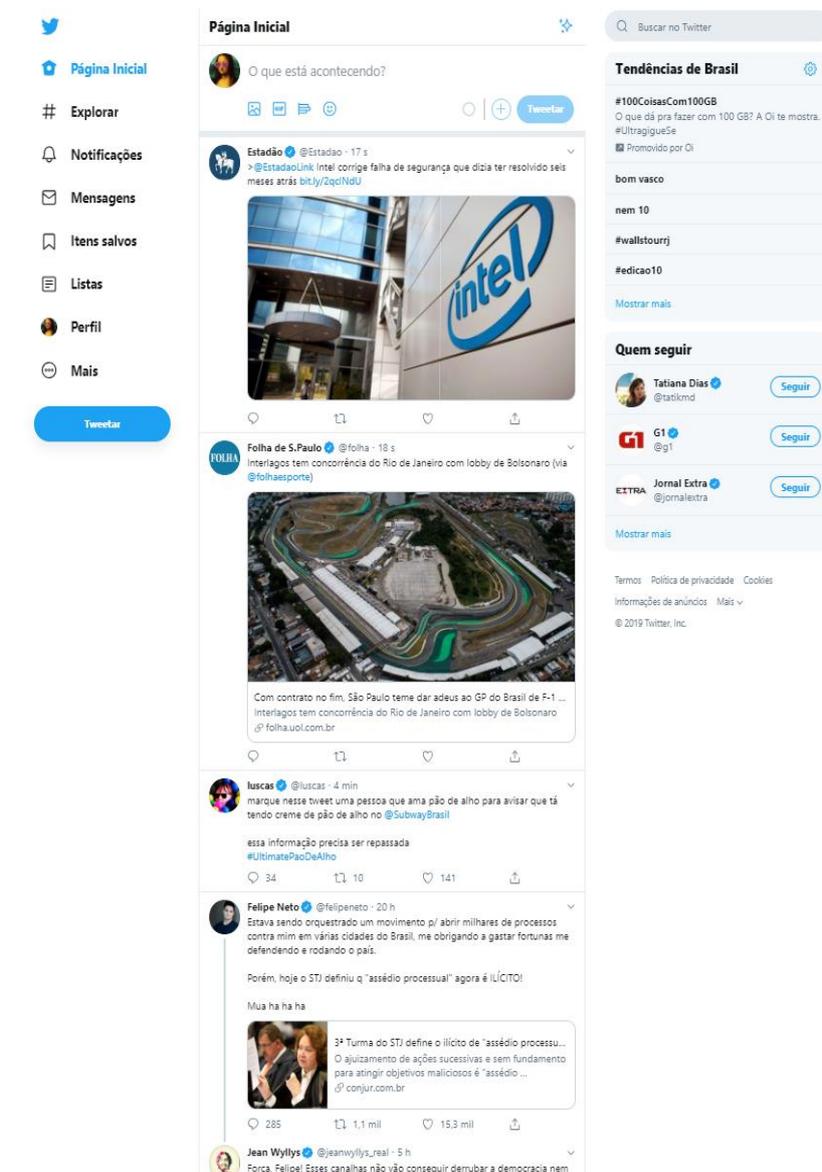
Para que um termo entre no *Trending Topics* é preciso que uma grande quantidade de usuários o utilize. Segundo Zago e Batista (2011), quanto mais retuítes um conteúdo recebe, maior a chance de entrar para a lista de assuntos mais comentados. Os autores ressaltam, no entanto, que o fator quantitativo não é o único determinante, porque os algoritmos da rede social levam em consideração a variedade do conteúdo dos tweets e o grau de novidade, ou seja, se já esteve ou não nos *Trendings* anteriormente.

Tanto as *hashtags* quanto os *Trending Topics* ao longo do tempo passaram a ser incorporado pelos usuários e abriram caminho para novas formas de socialização.

A indexação permitiu a formação de grupos por meio do compartilhamento de ideias, onde as *hashtags* são utilizadas não somente para definir e delimitar o conteúdo das informações, como também para exteriorizar ideais, sentimentos, preferências, indignações e posicionamentos variados dos indivíduos que compõem o ciberespaço. (MOURA E MANDAJI, 2014, pg. 7)

Na figura, a seguir, é possível visualizar uma página do *Twitter* a partir de um perfil aleatório. Note que no lado esquerdo da imagem, há as opções de acesso à aba ‘Explorar’, onde aparecem tuítes que o site acha que são de interesse do usuário, baseado no histórico de interações dele; às ‘Notificações’, que são acionadas quando alguém realiza alguma interação com o participante; às ‘Mensagens’; aos ‘Itens Salvos’; às ‘Listas’, ao ‘Perfil’, onde estarão todas as postagens e interações do usuário. Na parte central, encontra-se um espaço onde pode-se escrever e publicar o tuíte. Abaixo dele estão os tuítes e reações de todas as contas que o perfil segue. Já à direita estão as Tendências no Brasil (há opção de se escolher outras localidades), que se configura como a lista dos *Trending Topics*.

Figura 1 – Página de um usuário no *Twitter*



Fonte: *Twitter*

## **2. O MOVIMENTO FEMINISTA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

Para Pinto (2003), o movimento feminista nasceu a partir do momento em que mulheres se uniram e lutaram para conquistar direitos. Aqui, a autora se refere aos movimentos organizados do século XIX, mas há registros de manifestações de mulheres anteriores a esse. É o exemplo da Marcha para Versailles, na França, ocorrida em 5 de outubro de 1779, portanto no século XVIII.

Na época, o país vivia a Revolução Francesa, como consequência de uma grave crise política e econômica, com escassez de alimentos e uma monarquia alheia a esses problemas, uma vez que vivia em pujança e ostentação. Naquele dia, cerca de 7 mil mulheres, com o apoio de alguns homens, tomaram armas e marcharam rumo ao palácio do rei Luis XVI com o objetivo de trazer o monarca de volta a Paris para resolver o problema de falta de alimentos na cidade.

De acordo com Morin (2009), a participação das mulheres na Revolução Francesa foi muito mais ampla do que se tem conhecimento e foi um fator determinante para o sucesso da empreitada contra nobreza. Este apagamento das mulheres na história pode ser um dos fatores para que se tenha poucos registros de manifestações e obras literárias e científicas que expressassem a luta pela igualdade de gênero. Segundo Louro (1993), houve casos isolados de mulheres que lutaram contra a opressão, anteriormente, como Mary Wollstonecraft, que em 1792 lançou a obra *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*, onde defendia o acesso à educação para mulheres como forma de libertação daquele gênero.

No entanto, o feminismo é entendido como um movimento social organizado a partir do fim do século XIX e início do século XX. Sua história é categorizada em ondas, ou seja, períodos determinados onde há diferenças nas pautas debatidas.

### **2.1 A PRIMEIRA ONDA**

A primeira fase abrange os séculos XVIII e início do XX e é focada em manifestações principalmente na Europa, com destaque para a Inglaterra, o berço da chamada Revolução Industrial.

Entre os séculos XVII e XVIII, aquele país vivia uma intensa mudança na vida cotidiana, política e econômica devido a substituição da produção artesanal para a manufatureira. As máquinas movimentavam toda uma indústria.

A vida de quem trabalhava nas fábricas não era fácil, principalmente para mulheres e crianças. Segundo Blay (2001), essas pessoas trabalhavam em locais insalubres entre 12 e 14 horas por dia, seis vezes por semana, além da manhã dos domingos. Os salários eram baixos e menores em relação ao que os homens recebiam, mesmo fazendo as mesmas tarefas. Assim, a luta sindical também começou a ganhar força e era comum haver greves por melhorias nas condições laborais.

Essas manifestações tinham a participação das mulheres, muito embora, suas demandas nunca fossem atendidas, especialmente quando se tratava de igualdade salarial. Uma das justificativas, de acordo com Blay (2001), era de que os homens acreditavam que as reivindicações femininas afetariam a luta sindical “geral” e que os salários delas serviam apenas como complemento ao salário dos homens.

Dentro desse ambiente, destacam-se algumas feministas de ideologia anarquista e comunista que lutaram abertamente pelos direitos das mulheres operárias, entre elas estão a alemã Clara Zetkin, a ucraniana Clara Lemlich e a russa Alexandra Kollontai.

Simultaneamente, crescia a luta pelo direito ao voto das mulheres, proibido até então. O movimento iniciou-se na Inglaterra e foi chamado de Sufragismo. Em Londres, as sufragistas realizaram grandes manifestações públicas. Um fato marcante do grupo ocorreu em 1913, numa corrida de cavalos, quando a feminista Emily Davison se atirou à frente de um dos animais e faleceu. O ato era um protesto a favor do voto das mulheres, que só foi conquistado no Reino Unido em 1918.

Segundo Bittencourt (2015), o movimento era impulsionado pelo liberalismo e pela ideologia burguesa em que se busca um conceito ampliado de cidadania para todos. Com isso, havia reivindicações a favor do acesso das mulheres à educação e à determinadas profissões, bem como o direito à posse. De acordo com Louro (1993), o movimento sufragista era associado às mulheres brancas de classe média.

No Brasil, o movimento sufragista surgiu nos primeiros anos do século XX. Segundo Pinto (2003), em 1910 foi criado o Partido Republicano Feminino que propunha o sufrágio

universal, que só viria a ocorrer em 1932. No entanto, segundo Belisário (2016), o decreto assinado pelo então presidente Getúlio Vargas, permitiu o voto de apenas mulheres casadas, desde que com a autorização do marido, além de viúvas e solteiras com renda própria. As restrições seriam excluídas no Código Eleitoral de 1934, permitindo o voto de forma não obrigatória de todas as mulheres. Somente em 1946, esse exercício se tornou obrigatório.

A partir da década 1930, o movimento feminista perde força em termos de grandes manifestações, mas algumas teorias sociais buscavam compreender a origem das diferenças entre homens e mulheres. Segundo Piscitelli (2009), grande parte desses estudos eram baseados na ideia da teoria dos papéis sociais.

A ideia é que os indivíduos ocupam posições na sociedade, desempenhando papéis, de filho, de estudante, de avô. Como o enredo em uma peça de teatro, as normas e regras sociais determinam quais são os papéis possíveis e como devem ser desempenhados. (PISCITELLI, 2009. pg.6)

Assim, homens e mulheres ocupam um papel dentro da sociedade que determinam quais características comportamentais devem ser seguidas e valorizadas. Logo, elas seriam consideradas mais dóceis, emocionais e mais aptas a cuidar dos filhos e da casa, já eles seriam mais corajosos, dominadores e agressivos. No entanto, ainda na década de 1930, pesquisas antropológicas, com destaque para os da pesquisadora estadunidense Margaret Mead (1975), mostraram que não havia como naturalizar os comportamentos de ambos os sexos, visto que eles são resultados de uma relação cultural de cada sociedade, apreendido pelo ser humano desde a infância.

Esses estudos abriram um novo leque na perspectiva dos estudos feministas, já que colocaram em xeque estereótipos de gênero que justificavam certas opressões como resultado de uma diferenciação biológica entre homens e mulheres.

## **2.2 A SEGUNDA ONDA**

Foi somente a partir da década de 1950, que o movimento feminista ganhou novo fôlego, principalmente após a publicação em 1949, do livro “O Segundo Sexo” da filósofa francesa Simone de Beauvoir. A obra foi resultado de uma extensa pesquisa bibliográfica da autora logo após a Segunda Guerra, com base em estudos da psicanálise, da literatura e da história, cujo conteúdo buscava compreender a origem da dominação masculina, bem como explicar o significado do que é ser homem e ser mulher.

Segundo Beauvoir (1949), a diferenciação biológica entre os sexos era primordialmente determinada a partir dos aspectos reprodutivos. Contudo a subjugação do homem sobre a mulher não poderia ser justificada a partir deste aspecto, uma vez que há uma interdependência fisiológica entre os dois sexos para que a reprodução seja possível. A autora aponta também que o fato da mulher ter um porte físico menor e possuir menos força em relação ao homem só poderia ser interpretado como um sinal de fraqueza se inserido a algum tipo de contexto. Com isso, ela explica que as diferenças físicas são apenas um fato, e tomam um caráter simbólico a partir de fatores culturais da sociedade.

Logo, Beauvoir (1949) diferencia os termos sexo, para se referir ao caráter fisiológico do ser humano, sendo fixo e imutável, e gênero, compreendido como resultado de uma construção social, onde são impostos papéis sociais e comportamentos a que mulheres e homens são submetidos dentro dessa cultura.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (Beauvoir, 1949, p. 579)

Para Pinto (2010), a obra de Beauvoir foi impactante e fundamental para o feminismo, pela influência que causou nas feministas da Segunda Onda. Movimento que abrangeu as décadas de 1950 e meados de 1980. Neste período ocorreram grandes eventos que marcaram a sociedade americana e europeia. Entre eles, o surgimento em 1960, da pílula anticoncepcional, que permitiu às mulheres o controle da fertilidade, a Guerra do Vietnã (1955-1975), o movimento hippie nos Estados Unidos que propunha mudanças de comportamento contrárias ao conservadorismo moral e as manifestações estudantis francesas ocorridas em maio de 1968. Na música, havia o fenômeno da banda Beatles, Rolling Stones, Jimmy Hendrix e Janis Joplin.

Ainda segundo Pinto (2010), o feminismo dessa geração mostrou-se como um movimento libertário, que demandava uma nova relação das mulheres com os homens em todos os espaços, seja em casa, no trabalho ou na rua.

No Brasil, a década de 1960 a 1980 foi marcada pela ditadura militar e o controle estatal impediu a liberdade de manifestação e organização política-civil, além de impor forte censura na imprensa e nas artes. Para Pinto (2010), o país viveu uma realidade bem contrastante da que viviam os Estados Unidos e Europa, palco dos grandes debates feministas, e logo, um local propenso ao surgimento de movimentos libertários.

Segundo a autora, mesmo com forte repressão, ocorreram manifestações feministas na década de 1970. Simultaneamente, muitas mulheres exiladas passaram a ter contato com o feminismo acadêmico, principalmente, o europeu.

### **2.3 A TERCEIRA ONDA**

A década de 1980 e 1990 marca a terceira onda. As feministas desta fase buscaram romper com a ideia homogeneizadora de mulher perpetuada pela geração anterior, que se referenciava basicamente a vivência de mulheres brancas cisgênero heterossexuais. Desta forma, destaca-se o ativismo contra o patriarcado em prol de movimentos indenitários, como o negro e o de Lésbicas, Gay, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Queer (LGBTTQ).

A origem da palavra patriarcado, segundo Piscitelli (2009), remonta aos patriarcas do Velho Testamento, como Abraão, que possuiu total poder sobre as mulheres, crianças e rebanho. Para a autora, o termo refere-se a um

(...) sistema social no qual a diferença sexual serve como base da opressão e da subordinação da mulher pelo homem (...) diz respeito à capacidade masculina de controlar o corpo das mulheres para fins reprodutivos e sexuais (PISCITELLI, 2009, pg. 9)

Pateman (1993) explica que essa relação é fortemente associada a um contrato sexual, em que o marido, por meio do casamento, tem direito político sobre o corpo das mulheres. A autora lembra que este contrato tem seu fundamento na ideia dos contratualistas do século XV a XVIII, como Jean Jacques Rousseau, John Locke e Thomas Robbes, onde buscava-se explicar a origem da sociedade e a formação do direito político, cuja perspectiva é intimamente relacionada ao direito do homem à posse e à liberdade civil.

Ainda segundo Pateman (1993), a relação de dominação masculina está relacionada a dois espaços simbólicos, o público e o privado.

A sociedade civil patriarcal está dividida em duas esferas, mas só se presta atenção a uma delas. A história do contrato social é tratada com um relato da constituição da esfera pública da liberdade civil. A outra esfera, a privada não é encarada como sendo politicamente relevante. O casamento e o contrato matrimonial também são considerados, portanto, politicamente irrelevantes. Ignorar o contrato matrimonial é ignorar metade do contrato original. (PATEMAN, 1993, pg. 18).

Para a socióloga brasileira Saffioti (2004), o casamento heterossexual, baseado no contrato sexual, é, portanto, uma relação hierárquica, que não é privada, mas civil, que dá direitos sexuais irrestrito aos homens e “representa uma estrutura de poder baseada tanto na

ideologia quanto na violência” (2004, pg. 58). Essa relação entre homens e mulheres no casamento se expande para fora do matrimônio e se funde na formação do Estado.

Ainda em Saffioti (2004), a esfera pública e privada é reforçada pelas instituições governamentais ao dirigir os programas de planejamento familiar às mulheres, cujo papel, na sociedade seria a de cuidar dos filhos e da casa, já ao homem é dirigido projetos de requalificação da força de trabalho.

A nova perspectiva apresentada pela Terceira Onda tem como base a ideia da interseccionalidade. Segundo Creshaw (2002), o termo refere-se a diferentes eixos de poder, como o racismo, patriarcalismo, classe que constituem os terrenos sociais, políticos e econômicos, onde operam independentes ou em conexões.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRESHAW, 2002, pg. 177)

Portanto, a interseccionalidade permite perceber como determinados tipos sociais são marginalizados, enquanto outros permanecem com privilégios. Ressalta-se também que o termo não reforça a lógica da soma de opressões, mas de reconhecimento da individualidade de vivências.

Para Ribeiro (2016), as mulheres negras lutaram por seus direitos há muito tempo. Como exemplo, a autora cita o discurso, em 1851, de Sojourner Truth, ex-escrava que se tornou oradora, intitulado “E eu não sou uma mulher?”. O texto proferido na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio destaca o tratamento dado às mulheres negras.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim!

Segundo Lopes (2017), as mulheres brancas eram vistas como delicadas, frágeis e necessitadas de proteção. Já as negras eram bestializadas, desumanizadas e coisificadas. O autor ainda destaca que o patriarcalismo opera de diferentes formas para os dois grupos.

Enquanto as brancas lutam pelo direito de escolha da maternidade, as negras buscam formas de manter seus filhos vivos, visto que, são vítimas da violência racial da sociedade.

No Brasil, o feminismo negro ganha força a partir da década de 1980, após o III Encontro Feminista Latino-americano ocorrido em Bertioga, no estado de São Paulo em 1985. Segundo Ribeiro (2016), foi a partir deste evento que os primeiros coletivos de mulheres negras surgiram com o intuito de dar visibilidade às suas pautas dentro do movimento feminista. Entre os grupos que surgiram destacam-se o Geledés, Fala Preta e Criola.

No campo da sexualidade, destacam-se os trabalhos de Judith Butler com o livro Problemas de Gênero (1990). A obra problematiza a ideia de que o sexo é algo estável e o gênero resultado de uma construção social. Para além disso, a autora critica a binaridade (macho/fêmea e feminino/masculino) destes dois conceitos.

Nesse sentido, Piscitelli (2009) exemplifica o caso de pessoas intersexo, que possuem ambiguidade de suas genitais, transsexuais, aquelas que se identificam com o gênero diferente ao que corresponderia suas genitais e travestis, que possuem corpos masculinos, mas usam roupas femininas.

Judith Butler mostra que essas pessoas questionam a coerência entre sexo (genitália masculina e feminina), gênero (aparência da pessoa como masculina ou feminina) e desejo (supostamente deveria se sempre um desejo heterossexual). (PISCITELLI, 2009, pg. 15)

Portanto, Butler (1990) pensa a identidade de gênero a partir de uma performance constituída, onde o corpo não é visto como “natural”, mas como resultado de efeitos culturais. Essa performatização do gênero representa a construção de masculinidade e feminilidade constituída pela sociedade ao longo do tempo em que qualquer indivíduo os performatiza.

Atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, J, 2012, p. 194).

Para Louro (1993), romper com as ideias de binarismo de sexo e gênero permite a compreensão e a inclusão de grupos sociais que não obedecem essa regra rígida da heterossexualidade e que são excluídos da sociedade justamente por esta razão.

Ainda na década de 1980, algumas estudiosas apontaram para a existência de uma nova corrente do movimento, chamada de pós-feminismo. Segundo Macedo (2006), o termo refere-se a um processo de enfraquecimento dos ganhos do feminismo das décadas anteriores, a partir do entendimento de que ele estaria superado. Este pensamento estaria ancorado na nova agenda liberal e individualista da sociedade ocidental. Ferreira (1988) explica que a ideia era de que o feminismo foi útil no passado, mas que agora estaria obsoleto, uma vez que as demandas feministas já teriam sido conquistadas.

Para Souza (2017), o movimento tem assim o efeito de fornecer ideias de “empoderamento”, a partir da possibilidade de liderança, liberdade sexual e autonomia financeira. Esta narrativa é apoderada pela cultura e pela mídia (filmes, publicidade, música etc). No entanto, a representação dessa mulher pós-feminista ainda é regida por um modelo de feminilidade heteronormativo e neocapitalista.

A teórica Angela McRobbie (2006) reforça a importância da mídia no reforço da identidade da mulher no pós-feminismo, principalmente os produtos midiáticos voltados para este público. Além disso, a construção da narrativa desses veículos produz um feminismo mais “aceitável”, ao haver uma pretensa postura progressista e liberal, que na verdade busca apenas o consumo. Neste contexto a mulher é incentivada a se “empoderar” a partir da sensualidade, no uso produtos estéticos, na compra de roupas da moda etc.

O pós-feminismo se refere a um processo ativo pelo qual os ganhos feministas dos anos 70 e 80 estão enfraquecidos. Propõe que, por um arranjo de maquinações, elementos da cultura popular contemporânea são perniciosamente efetivos no apagamento do feminismo, enquanto simultaneamente aparentam estar engajados em uma bem informada e até mesmo bem intencionada resposta ao ‘feminismo’. [...] Finalmente, sugere que, com a ajuda das bandeiras de liberdade e escolha que agora estão inextricavelmente conectadas com as jovens, o feminismo está decididamente ‘datado’ e parece ser redundante. (MCROBBIE, A, 2006, p. 1).

## **2.4 A QUARTA ONDA**

O foco deste trabalho situa-se na quarta onda e no feminismo digital. Teóricas de gênero apontam que esta nova fase do movimento feminista se iniciou na segunda década do século XXI. Segundo Azevedo (2017), os indivíduos deste período são sujeitos da pós modernidade, mais liberais em termos de sexualidade e identidade de gênero. Essa fase é marcada por uma maior diversidade de pautas em comparação com as gerações anteriores.

Segundo Mendes (2015), essa fase do movimento feminista é focada em temas como igualdade salarial e política, bem como uma reforma moral e jurídica, além do controle

reprodutivo e direito ao corpo. Para a autora, embora se discuta ao redor do mundo temas semelhantes, as campanhas feministas são marcadas pela cultura e história de cada nação, o que fortalece o movimento como um todo.

Para Rocha (2017), as feministas dessa geração são contemporâneas de uma nova ordem de organização político-social decorrente do intenso uso da internet. E é dentro dessas redes, que elas se organizam. Logo, diferentes correntes do feminismo utilizam desta plataforma para expor suas mais diversas pautas. Segundo a autora, essa geração é marcada por fomentar a massificação do feminismo pelo uso das redes e que, portanto, está relacionado com o ativismo online.

A autora explica que essa modalidade de manifestação nas redes são uma fonte de empoderamento das feministas ao dar autonomia para as mulheres construírem a partir de suas próprias experiências e percepções suas formas de ativismo. Além disso, graças à internet, esta seria a geração mais democrática do feminismo, ao dar instrumento e poder de repercussão a todos os segmentos de mulheres, incluindo as negras e LGBTQI+. Portanto, a essência da quarta onda é firmada na massificação do feminismo.

Segundo Cazarré (*apud* Rocha, 2017) a quarta onda do feminismo no Brasil começou em junho de 2011, na Marcha das Vadias de São Paulo. O movimento que havia começado em abril no Canadá, protestava contra a culpabilização da vítima em casos de violência sexual e contra a cultura do estupro. Mendes (2015) explica que o termo refere-se a um contexto sócio cultural em que a sociedade é ensinada a entender a agressividade masculina como algo saudável, normal e parte das relações sexuais. As consequências disso são a crença de que os corpos das mulheres são propriedades dos homens.

Ao longo dos últimos anos, vários movimentos feministas foram se popularizando na internet. Alguns veículos de imprensa<sup>12</sup> apontam este período como a “Primavera Feminista”, pela grande participação de mulheres brasileiras em manifestações online e de rua em prol de pautas feministas. Entre elas, destaca-se a campanha #meuprimeiroassedio, onde incentivava mulheres a contarem a primeira vez em que foram assediadas sexualmente e os protestos contra

---

<sup>12</sup> Reportagens sobre a “Primavera Feministas” estão disponíveis em:  
<[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533\\_406426.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533_406426.html)> \_Último acesso em 18 nov. 2019  
<<https://revistaforum.com.br/blogs/ativismodesofa/mulheres-florescam-em-uma-nova-primavera-feminista/>>  
Último acesso em 18 nov. 2019  
<<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/primavera-das-mulheres.html>> \_Último acesso em 18 nov. 2019

um projeto de lei de autoria do ex-deputado Eduardo Cunha que dificultava a realização de aborto mesmo para aqueles casos já permitido em lei.

## 2.5 VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

Segundo as Nações Unidas (1992), a violência contra mulheres pode ser definida como uma “violência dirigida a uma mulher por sua condição de mulher, ou que atinge uma mulher desproporcionalmente” (UN, 1992 *apud* Belisário e Mendes, pg. 42, 2019).

De acordo com Belisário e Mendes (2019), dentre as formas de violência contra esse grupo enquadram-se a violência doméstica, estupro, assédio sexual, crimes de honra, casamentos forçados, mutilação genital e tráfico humano.

Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2017 mostram que 35% das mulheres no mundo sofrem algum tipo de violência física ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros, o dado não inclui casos de assédio sexual. Naquele ano, calcula-se que em todo o globo, 87.000 mulheres foram assassinadas, sendo metade do crime cometido pelo parceiro íntimo. No Brasil, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, organizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ocorreram 1.206 feminicídios e 263.067 denúncias de violência doméstica em 2018.

Dentro da categoria de violência contra mulheres, destaca-se o assédio sexual. Ao se referir a esse tipo de violência no espaço de trabalho, Dias (2008) define este crime como:

uma situação em que um comportamento indesejado de carácter sexual se manifesta sob a forma física, verbal ou não verbal, com o objectivo de violar a dignidade da pessoa e de criar um ambiente intimidativo, hostil, humilhante ou ofensivo. Consiste num comportamento de conotação sexual, não desejado pela destinatária, que ofende a sua integridade física e moral, o seu desempenho e progresso profissionais, violando o seu direito, constitucionalmente garantido, ao trabalho e ao emprego em igualdade de circunstâncias. (DIAS, 2008, pg. 12)

Segundo a autora, o assédio sexual consiste em comportamentos como:

conversas indesejadas sobre sexo; anedotas ou expressões com conotações sexuais; contacto físico não desejado; solicitação de favores sexuais; pressão para “encontros” e saídas; exibicionismo; voyeurismo; criação de um ambiente pornográfico; abuso sexual e violação, entre outros comportamentos (DIAS, 2008, pg. 13)

Ainda segundo Dias (2008) o assédio sexual é um tipo de crime difícil de ser identificado pela vítima e pela Justiça em determinadas situações, devido à influência da ideologia patriarcal, que naturaliza comportamentos agressivos por parte do homem e sustenta uma autoridade deles sobre as mulheres, em espaços públicos e privados, legitimando assim tais abusos. A violência seria, portanto, uma forma de manter a dominação sob a figura feminina.

O assédio sexual pode ocorrer em diversos âmbitos da vida da mulher. O local de trabalho tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores quando se fala neste tipo de violência. Dias (2008) explica que nesses ambientes, principalmente quando há uma superioridade hierárquica entre as duas partes, os homens entram em um processo de negociação em troca de favores sexuais. No entanto, a coerção sexual, não se justifica apenas pela relação de autoridade de cargo, mas pelo papel sexual imposto à mulher.

Sobre o sistema patriarcal, Saffioti (2001) explica que o homem detém poder de determinar as regras de conduta das mulheres, crianças e adolescentes, e possui a autorização ou a tolerância da sociedade para punir quem desviar as regras. Logo, entende-se que sua capacidade de mando, sua autoridade reside na violência. Essa diferença de comportamento entre ambos os sexos tem origem na construção social dos gêneros.

Para Saffioti (2004), a sociedade construiu ao longo de vários anos a superioridade de um gênero sobre o outro. Neste processo, valorizou-se a sexualidade do homem em detrimento ao da mulher. Neste caso, como explica a pesquisadora, o homem foi educado a ir à caça, a tomar a iniciativa sexual. Já a mulher foi socializada a esperar o “ataque” do caçador, a ser conduzida como caça.

Saffioti (2004) destaca que quando esse costume não é seguido, ou seja, quando a mulher toma a iniciativa para um namoro ou são desinibidas sexualmente, por exemplo, os homens tendem a vê-la de forma negativa, por estarem assumindo o papel destinado a eles na relação.

Ainda segundo Saffioti (2004), as definições dos papéis sociais de gêneros, reforçadas pelo patriarcalismo, levam muitos a acreditar na incontrollabilidade da sexualidade masculina. No entanto, a autora refuta a ideia, reforçando que qualquer um pode controlar seus desejos.

Para Iop (2009), as relações de poder entre os gêneros foram reforçadas pela ideia da propriedade privada. Neste contexto, o patriarca, na figura do homem, se tornou dono das

terras, das riquezas e dos membros da família, sendo posteriormente repassadas para o filho herdeiro. À mulher coube o cuidado familiar no ambiente privado, servindo ao seu marido e sendo instrumento de reprodução da força de trabalho. Mesmo após a sua inserção no mercado de trabalho, ela ainda está submetida aos donos dos meios de produção, estando ainda à mercê da dominação masculina.

Segundo Bourdieu (*apud* Schreiner, 2008), a violência é perpetuada principalmente pela internalização do discurso do dominador pela vítima, que acaba por colaborar com a dominação. Geralmente essa mecânica se apoia em crenças e preconceitos da sociedade, que leva o dominado a ver o mundo sob ponto de vista do agressor e a qual o autor denomina de violência simbólica.

Um outro ponto a se destacar em relação ao assédio sexual está na objetificação do corpo da mulher. Segundo Bercht e Costa (2018), a objetificação sexual está relacionada a uma sexualização compulsiva, quando um corpo e suas funções sexuais são separadas do indivíduo, sendo colocadas apenas como instrumentos de uso sexual.

As autoras explicam que essa objetificação pode ser percebida em casos de violência sexual ou em outras formas mais sutis, como a representação da mulher em propagandas e filmes. Nessas produções há um reforço de um padrão estético e comportamental. Uma das consequências pode ser percebida no impacto na indústria estética que é predominantemente voltado ao público feminino.

No Brasil, o assédio sexual é tipificado como crime de importunação sexual, por meio da lei nº 13.718 de 2018. O texto prevê pena de reclusão de 1 a 5 anos para quem “praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro” (BRASIL, 1988).

Após um ano da sua implementação, 3.090 casos de importunação sexual foram registrados apenas no estado de São Paulo. No entanto, os órgãos de segurança pública e da Justiça ainda carecem de dados completos da ocorrência deste crime em todo o Brasil.

### **3. FEMINISMO DIGITAL**

#### **3.1 CIBERATIVISMO**

A forma de se manifestar politicamente foi se modificando ao longo do tempo e as plataformas digitais foram utilizadas em defesa das causas políticas, ambientais e culturais. A este processo, Silveira (2010) denomina de ciberativismo.

Por ciberativismo podemos denominar um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet. (SILVEIRA, 2010, pg. 31)

Ainda segundo o pesquisador, o ciberativismo se confunde com a própria história da internet, já que ele influenciou a criação de protocolos de comunicação utilizados na rede mundial de computadores, como a ação dos hackers em prol da liberdade do uso de código aberto na década de 1980 e 1990, por exemplo.

Segundo Rodrigues, Gadenz e Rue (2014), as novas tecnologias se tornaram plataforma de comunicação alternativa àquela veiculada em meios tradicionais, o que desenvolve a criação de novos tipos de ativismos. Para Lemos (2004), houve uma mudança na produção, distribuição e recepção de conteúdo informacional.

essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa e o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos). (LEMOS, 2004, p.68).

Santos (2011) explica que os ciberativistas viam na internet um espaço de expressão, que muitas vezes eram reduzidos nos meios de comunicação tradicionais. Desta forma, as redes se tornam um espaço público em que os ativistas se manifestam e propõem ações online de conscientização que podem se estender para protestos nas ruas.

Uma característica marcante do ciberativismo está ancorado no poder de difusão em escala global. A internet proporciona a comunicação com o mundo, onde há trocas de informações e ações coletivas com um vasto número de pessoas. Para Rocha (2017), devido a sua dimensão, expressividade e capacidade de articulação, o ciberativismo é considerado como uma rede de solidariedade.

Uma das consequências do ciberativismo, segundo Recuero (2009), é a relação existente entre o movimento digital e a prática jornalística, mais especificamente no poder que o primeiro possui em pautar a segunda e vice-versa. Para a autora há três tipos de relações

possíveis de se estabelecer entre as duas. A primeira seria as redes sociais como fontes produtoras de informação. Neste sentido, elas seriam uma fonte para os jornalistas. Um exemplo disso seriam manifestações de rua filmadas pelos participantes e o material divulgado na internet.

Já a outra relação, seria a filtragem de informação pelas redes sociais, estas compartilhando e republicando materiais jornalísticos. A função de *retweet* no *Twitter*, exemplifica essa dinâmica. A última relação seria a reverberação, o debate acerca do conteúdo produzido pelo jornalismo.

Burns (*apud* Recuero, 2009), classifica as práticas informativas da internet como *gatewatching*, que seria uma “observação daquilo que é publicado pelos veículos noticiosos, no sentido de identificar informações relevantes assim que publicadas” (RECUERO, 2009, pg. 11).

Assim, as redes sociais vão atuar com um duplo papel informativo: como fontes, como filtros ou como espaço de reverberação das informações. São essas as relações que apontamos como relevantes para o jornalismo no espectro do estudo das redes sociais. Essas, assim, são complementares à função jornalística, não tendo o mesmo comprometimento que estes para com a credibilidade da informação, mas auxiliando a mobilizar pessoas, a construir discussões e mesmo, a apontar diversidades de pontos de vista a respeito de um mesmo assunto. (RECUERO, 2009, pg. 11-12)

### 3.2 CIBERFEMINISMO

O surgimento do ciberfeminismo compreende o final da década de 1980 e início dos anos 1990, contemporâneo, portanto, da terceira geração do feminismo e de outros movimentos sociais que encontraram na internet um espaço de militância. O termo refere-se a

uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia” (MARTÍNEZ-COLLADO e NAVARRETE, 2006 *apud* LEMOS, 2009, pg. 41)

Segundo Lemos (2009), o ciberativismo defende que a tecnologia “reconstrói as sexualidades, as subjetividades a partir da heterogeneidade que as redes eletrônicas possibilitam” (2009, pg. 42). Na década de 1980, as ciberfeministas lutaram para que as mulheres ocupassem um espaço na produção tecnológica, que até então era muito associado e dominado pelos homens.

O cenário tecnológico construía-se sob a arregimentação de pessoas do gênero masculino, constituindo-se este um ambiente altamente

masculinizado. Contudo, nesta fase, as tendências do feminismo consideravam as tecnologias como neutras, apesar de incitarem a inserção das mulheres no meio. Não se sabia ao certo o poderio que estas seriam capazes de lograr ao movimento, porém a incorporação das mulheres no contexto tecnológico seria como uma ‘afrota’ à estigmatizada imagem relacional entre o homem, no sentido do gênero masculino, e a máquina (ROCHA, 2017, pg. 60)

O termo ciberfeminismo foi cunhado em 1991 pelo grupo feminista australiano VNS<sup>13</sup>, que em um manifesto publicado naquele ano se auto intitularam ciberfeministas. O texto era uma homenagem à filósofa estadunidense Donna Haraway, que havia proposto uma nova forma de ação das feministas a partir do uso das tecnologias. (LE MOS, 2009)

Haraway havia publicado em 1984 o *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, que posteriormente iria influenciar o trabalho de várias ciberfeministas. Nele, a autora questiona os limites entre o humano e a máquina. O ciborgue seria um ser híbrido entre os dois, com possibilidade de se conectar em redes e, com isso, circular sem fronteiras. As feministas, portanto, deveriam reconstruir suas ações voltadas para a tecnologia. Segundo Rocha (2017), “a ciborgue simbolizaria a apropriação das tecnologias das informações por parte das mulheres, promovendo-as a articuladoras de espaços físicos e discursivos” (2017, pg. 59).

Em 1997, ocorreu a “Primeira Internacional Ciberfeminista”. O encontro aconteceu em Kassel, na Alemanha e reuniu vários grupos ciberfeministas, teóricas e professoras de gênero para debater novas formas de representação da mulher a partir das plataformas digitais. Em outras palavras, o evento buscava responder algumas questões que permeavam o ambiente tecnológico. Entre as perguntas, estavam se a tecnologia influencia a formação de gênero, o anonimato reinante na internet possibilita o fim da discriminação das mulheres, porque há mais homens na área da informática que mulheres?

Já a partir de 2009, o ciberfeminismo tomou novas formas com o uso das *hashtags*, que surgiram com a criação do *Twitter*. O mecanismo, como já mencionado neste trabalho, utiliza o símbolo sustentado (#) seguido de uma palavra-chave e permite o agrupamento de publicações, onde pode se tornar tendência, se utilizada muitas vezes, atraindo mais usuários para a discussão. (Reis, 2017).

---

<sup>13</sup> Segundo Azevedo (20017), o grupo VNS foi um primeiro a praticar o ciberfeminismo. Suas ações consistiram em intervenções artísticas em que se discutia a identidade da mulher dentro dos novos espaços tecnológicos, além de tecer críticas a dominação do homem nas ciências tecnológicas.

Segundo Reis (2017), a primeira vez que o uso de *hashtag* foi utilizado como forma de manifestação política foi nas eleições iranianas em 2009. Naquele ano, ocorreram vários protestos contra uma suposta fraude eleitoral que teria prejudicado o candidato presidencial Mehdi Karroubi. Como a imprensa local passava por forte censura do governo de Mahmoud Ahmadinejad, as notícias sobre o levante popular circularam pelas redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, sendo utilizado a *hashtag* #iranelection.

No caso do ciberfeminismo, Mendes, Keller e Ringrose (2018) denominam *hashtag feminista* como uma prática do ativismo feminista que utiliza a *hashtag* para produzir comunidades de conversação entre os usuários sobre questões de gênero. Segundo a autora, esse mecanismo é utilizado por mulheres para denunciar a misoginia, a cultura do estupro e as violências sexistas diárias.

Segundo as autoras (2018), a violência sexual tem ganhado atenção nos estudos sobre gênero devido à popularização do feminismo e da *hashtag feminista*. Esse tema tem sido abordado sob a perspectiva das vítimas, que relatam suas histórias de abuso. Para as autoras, ao compartilharem nas redes sociais utilizando uma *hashtag*, elas se conectam a outras pessoas que tenham passado por situações semelhantes e permitem uma conscientização da “sistemática e generalizada natureza da violência sexual” (MENDES;KELLER E RINGROSE, 2008, pg. 1301. Tradução livre).

Para além disso, ainda segundo Mendes, Keller e Ringrose (2018), o uso da *hashtag feminista* gera relações afetivas que buscam uma cura pessoal e podem levar a iniciativas como a formação de grupos de sobreviventes e apoio para denunciar a violência à polícia. Outra observação apontada pelas autoras seria como essas divulgações online permitem combater a culpabilização da violência sexual na vítima, permitindo novas formas de narrativas.

As autoras apontam também a possibilidade que a linguagem em rede social incorporada ao uso de uma *hashtag* permite ao usuário não utilizar necessariamente a palavra ‘abuso’, ‘estupro’ ou ‘assédio’, quando relata sua história de violência sexual. Na verdade, nas campanhas com as *hashtags* #BeenRapedNeverReported, onde pessoas contavam as razões por não terem denunciado o abuso para as autoridades, e a #metoo, muitos indivíduos apenas escreviam essa *hashtag*, deixando subentendido que sofreram tal violência, sem precisar detalhá-la.

No Brasil, grupos feministas fizeram uso das *hashtags* para praticar o ciberfeminismo, e assim, realizar campanhas, em sua maioria voltadas para a luta contra a violência sexual. É o

caso do coletivo Think Olga, criado em abril de 2013, com o objetivo de possibilitar às mulheres o compartilhamento de suas histórias, propondo um debate acerca do assédio sexual. (Salvador,2016).

O grupo lançou a campanha #chegadefiufiu, onde incentivava as mulheres a contarem nas redes sociais suas experiências com o assédio sexual em locais públicos e profissionais. Em seguida, o projeto organizou uma pesquisa sobre esse crime no Brasil, a partir da participação de aproximadamente 8 mil mulheres, além de criar um mapa onde é possível que vítimas indiquem o local, data e hora em que sofreram a violência. Em 2018, o coletivo lançou um documentário sobre o tema no país.

Em abril de 2015, o Think Olga lançou a *hashtag* #meuprimeiroassedio no *Twitter* em apoio à uma jovem de 12 anos que foi vítima de assédio sexual nas redes sociais ao participar do programa de *reality show* da Rede Bandeirantes, MasterChef Júnior. A campanha incentivava mulheres a relatar a primeira experiência de assédio sexual que sofreram. A partir dos relatos, o coletivo constatou que a média de idade das vítimas era de 9,7 anos, e em 65% dos casos ou autor do crime era um conhecido<sup>14</sup>.

Ainda em 2015, o coletivo Não Me Kahlo lançou a campanha #meuamigosecreto. O grupo, formado em 2014 por cinco amigas feministas<sup>15</sup>, havia criado uma página no *Facebook* onde propunha o debate de ideias, o compartilhamento de histórias e a promoção de ações em prol do feminismo. Ao longo do tempo, o grupo criou perfis no *Twitter* e no *Instagram*.

A *hashtag* #meuamigosecreto foi pensada a partir de um *Twitter* de uma seguidora que reclamava de atitudes machistas de seu amigo secreto. A partir disso, o coletivo usou a brincadeira para denunciar atos de machismo do cotidiano. Em pouco tempo, outras mulheres fizeram o mesmo, além de que outros grupos minoritários como o movimento negro e o LGBTQ, utilizaram da *hashtag* para denunciar casos de racismo e de LGBTQfobia. (HENKER E PEREIRA, 2019)

Em 2017, a *hashtag* #mexeucomumamexeucomtodas se popularizou nas redes sociais, após a denúncia de uma figurinista acusando um célebre ator da Rede Globo de assédio sexual

---

<sup>14</sup> Mais detalhes sobre a *hashtag* #meuprimeiroassedio pode ser vista em:

<<https://thinkolga.com/projetos/primeiroassedio/>>. Último acesso em 02 de novembro de 2019.

<sup>15</sup> Bruna L. Rangel, graduada em Direito pela Universidade de Brasília e pós-graduanda em sociologia e cultura pela PUC-RJ; Thaysa Malaquias, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Paola Barioni, estudante de Direito; Gabriela Moura, graduada em Relações Públicas; Bruna de Lara, estudante de Jornalismo.

no local de trabalho. A vítima contou o caso na coluna #AgoraÉQueSãoElas da Folha de S. Paulo<sup>16</sup>. Outro fato que contribuiu para repercussão da *hashtag*, foi a agressão sofrida por uma participante do *reality show Big Brother Brasil* (TV Globo), pelo então namorado que também participava daquela edição do programa.

Embora não houvesse um coletivo feminista por trás da *hashtag*, seu sucesso deve-se em grande parte a participação de diversas atrizes e celebridades brasileiras que se organizaram em apoio àquelas vítimas, divulgando vídeos, confeccionando camisetas e compartilhando a *hashtag* em suas redes sociais. (ROMEIRO e SILVA, 2018).

### 3.3 O MOVIMENTO #METOO

O *Me Too* foi fundado em 2006 pela ativista social estadunidense Tarana Burke. A americana conta, em um depoimento disponível no site<sup>17</sup> oficial da campanha, que a ideia para o movimento surgiu quando ela estava em um encontro de debates e ações de empoderamento de meninas e adolescentes negras, naquele ano. Em uma das reuniões, as jovens eram incentivadas a compartilharem as dificuldades e desafios de ser uma mulher negra a partir de suas próprias vivências. Um dia após essa sessão, uma menina chamada Heaven procurou Burke para uma conversa a sós.

Na ocasião, a criança então relatou os abusos sexuais que vinha sofrendo pelo namorado de sua mãe. Burke (2018) explica que não conseguiu ouvir toda a história, por ter ficado horrorizada com as palavras da menina. A ativista então a interrompeu e a direcionou a uma outra adulta que poderia lidar melhor com o caso.

Por mais que eu a amasse, eu não conseguia reunir a energia para dizer a ela que eu entendia, que estava conectada, que podia sentir sua dor. Não pude ajudá-la a liberar sua vergonha ou impressioná-la de que nada que lhe acontecesse era culpa dela. Não consegui encontrar forças para dizer em voz alta as palavras que ecoavam na minha cabeça repetidas vezes enquanto ela tentava me dizer o que havia sofrido. (BURKE, 2018. Tradução nossa)

Em seu depoimento, Burke relata que a única coisa que pensou enquanto via a menina se afastar dela, eram as palavras “Eu também” (*Me too*, em inglês). Dando a entender que ela

---

<sup>16</sup>A coluna pode ser vista em: <<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/>>. Último acesso em 02 de novembro de 2019

<sup>17</sup> O texto na íntegra está disponível em <<https://metoomvmt.org/the-inception/>>. Último acesso em 02 de novembro de 2019

própria já sofreu algum tipo de violência sexual. Com essa história em mente, Tarana Burke criou o movimento *Me Too* com o objetivo de ajudar sobreviventes de violência sexual, particularmente jovens negras e meninas de comunidades carentes dos Estado Unidos.

Nossa visão desde o início era abordar a escassez de recursos para sobreviventes de violência sexual e construir uma comunidade de advogados, guiados por sobreviventes, que estarão na vanguarda da criação de soluções para interromper a violência sexual em suas comunidades. (*ME TOO MOVIMENT*, 2018. Tradução nossa)

Segundo o site oficial do movimento<sup>18</sup>, o *Me too* trabalha com o apoio financeiro aos sobreviventes, oferecendo recursos de organizações de cada localidade, constrói a partir de comunidades virtuais um espaço de empatia e conexão entre as vítimas, reúne pesquisadores e pesquisas sobre violência sexual.

Se de início o movimento tinha como área de atuação os Estados Unidos, em 2017, ela se tornou global após a viralização de um post no *Twitter* da atriz estadunidense Alyssa Milano em que ela incentivava os usuários a compartilharem suas histórias de violência sexual utilizando a *hashtag* #metoo. O post era uma resposta a uma reportagem veiculada pelo jornal norte-americano *The New York Times*<sup>19</sup> no dia 05 de outubro de 2017, em que a atriz denunciava o produtor de cinema estadunidense Harvey Weinstein de cometer assédio sexual e estupro em dezenas de vítimas ao longo dos últimos 30 anos.

Harvey Weinstein nasceu em 1952 em Nova Iorque e é um dos fundadores da empresa Miramax, que produziu filmes independentes de grande sucesso, como *Pulp Fiction* (1994) e *Shakespeare Apaixonado* (1998). Este lhe renderia um Oscar de Melhor Filme naquele ano. Em 2005, ele criou a produtora de filmes *The Weinstein Company*, juntamente com seu irmão Bob. A nova empresa é responsável por uma série de sucessos nas bilheteiras do cinema mundial. Segundo Yague (2017), o produtor era considerado o homem mais poderoso de Hollywood, chegando a receber a Ordem do Império Britânico e condecoração semelhante na França, por sua contribuição ao cinema.

Todo o prestígio desmoronou após a reportagem do *The New York Times*. A matéria relatou o modus operandi do produtor para conseguir que jovens atrizes lhe fizessem favores

---

<sup>18</sup> O site está disponível no endereço:

<<https://metoomvmt.org/>>. Último acesso em 02 de novembro de 2019

<sup>19</sup> A reportagem está disponível em <<https://www.nytimes.com/2017/10/05/us/harvey-weinstein-harassment-allegations.html>> Último acesso em 04 de novembro de 2019.

sexuais em troca de espaço em uma de suas produções. Weinstein convidava mulheres para uma suposta reunião de negócios em quartos de hotéis. Ao invés de uma conversa profissional, o empresário pedia para que elas o massagassem, o vissem nu, entre outros pedidos de conotação sexual.

No mesmo dia em que a matéria foi publicada, Weinstein pediu desligamento da sua produtora e ameaçou processar o jornal. Em pouco tempo, a repercussão do caso tomou proporções globais, principalmente após o apoio às vítimas vindas de estrelas de Hollywood como Jessica Chastain, Brie Larson, Lena Dunham, Mark Ruffalo, America Ferrara, Thomas Sadoski, Amber Tamblyn, Ellen Barkin e Seth Rogen. (YAGÜE, 2017)

No dia 10 de outubro de 2017, as atrizes norte-americanas Angelina Jolie e Gwyneth Paltrow confirmaram terem sido vítimas de assédio sexual por parte de Weinstein. Já a atriz Asia Argento afirmou em uma reportagem ao jornal estadunidense *The New Yorker* que foi estuprada pelo produtor. Ao longo dos meses seguintes, diversas outras celebridades confirmaram terem sofrido violência do empresário, como Lea Seydoux, Rose McGowan, Lupita Nyong'o, Lena Headey e Cara Delevingne.

No dia 15 de outubro de 2017, a atriz Alyssa Milano, em apoio às vítimas de assédio sexual do caso Weinstein, publicou um tuíte (Figura 1) com a seguinte frase: “Se você foi assediada ou abusada sexualmente escreva ‘eu também’ como uma resposta a este tuíte” (MILANO, 2017. Tradução nossa). Ela ainda enviou uma imagem com a mensagem, conforme mostrado na figura 1, com os dizeres:

Eu também. Sugerido por um amigo: se todas as mulheres que foram sexualmente assediadas ou abusadas escrevessem ‘Eu também’ como um status, nós talvez possamos dar às pessoas a noção da magnitude do problema. (MILANO, 2017. Tradução nossa)

No dia seguinte à postagem de Milano, a *hashtag* #metoo foi utilizada mais de 600 mil vezes no *Twitter*. Um ano depois, já eram quase 14 milhões de tuítes. Os usuários compartilhavam de suas histórias de violência sexual e/ou deixavam palavras em apoio ao movimento.

Ao longo desse período, 425 líderes mundiais, presidentes de empresas, atores, jornalistas, entre outras pessoas proeminentes, foram acusados de assédio sexual. (GRIFFIN, RECHT e GREEN, 2018)

É importante ressaltar, que nem todas as pessoas que participaram do movimento #metoo eram mulheres. Alguns homens também denunciaram terem sofrido algum tipo de

violência sexual. É o exemplo do ator norte-americano Anthony Rapp que acusou o famoso ator Kevin Spacey de abusá-lo sexualmente quando tinha 14 anos de idade. O também ator estadunidense Terry Crews, sem citar nomes, admitiu que foi assediado por um grande produtor de cinema de Hollywood.

Figura 2 - Tuíte da atriz Alyssa Milano



Fonte: *Twitter.com*

Com a popularidade do movimento, o site de buscas *Google* lançou em abril de 2018 o *'Me Too Rising'*<sup>20</sup>, um mapeamento das buscas feitas acerca do movimento. Nele é possível visualizar uma linha do tempo a partir do dia 05 de outubro de 2017, data da publicação da matéria sobre Weinstein no *The New York Times* até o dia em que se acessa a página. A plataforma (Figura 2) compila as principais tendências de busca relacionada ao tema de acordo com cada cidade. Desta forma, é possível visualizar o que cada região fala acerca do *Me Too*.

Figura 3 - Plataforma *Me Too Rising*



Fonte: *Google Trends*

<sup>20</sup> Disponível em <https://metoorising.withgoogle.com/>. Último acesso em 02 de novembro de 2019.

Em janeiro de 2018, mais de 300 mulheres do entretenimento de Hollywood criaram o fundo de defesa legal para sobreviventes de assédio sexual, *Time's up*, que conta com mais de 700 advogados e advogadas que dão assistência jurídica a vítimas desse crime. A organização do movimento se destacou ao convocar mulheres que participariam da premiação do Globo de Ouro a irem vestidas de preto contra o assédio sexual. O pedido foi atendido por várias e os discursos das atrizes foram voltados à união das mulheres e pelo fim do assédio sexual.

Apesar da grande lista de acusadoras, Harvey Weinstein está em liberdade condicional e responde a dois casos, de estupro supostamente cometido em 2013 e felação (sexo oral) forçada em 2006. O julgamento está previsto para janeiro de 2020.

O movimento em 2019 é marcado por conseguir atingir regiões onde o feminismo ainda não encontrava força como a região da África Ocidental, como os países da Nigéria e Gana.

No Brasil, o movimento #metoo também ganhou repercussão principalmente a partir da participação de celebridades brasileiras, como Deborah Secco, Mônica Martelli, Marina Person, Luka, Alice Santana e Bruna Barros, ainda no início da viralização da *hashtag*, em outubro de 2017.

Destaca-se ainda a participação de várias atletas brasileiras que denunciaram terem sofrido assédio sexual por meio da *hashtag* e de entrevistas à imprensa que tratavam sobre o movimento, como a nadadora Joana Maranhão e a atleta de saltos ornamentais Ingrid Oliveira.

#### 4. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho é a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (1977), a técnica surgiu na década de 1940 nos Estados Unidos e era principalmente associada aos estudos políticos. Na época, se analisavam muitos produtos comunicacionais voltados ao contexto da Segunda Guerra Mundial, como o uso da análise de conteúdo para investigar jornais com propaganda nazista, por exemplo.

Ao longo das décadas seguintes a análise de conteúdo se aprimorou em recursos técnicos, principalmente a partir dos anos 1960, com o advento dos primeiros computadores, que afetaram profundamente a prática da pesquisa. Além disso, a autora cita ainda os estudos sobre comunicação não verbal e os trabalhos linguísticos como fatores importantes para a técnica ao longo dos anos seguintes.

Segundo Bauer (2002), a “análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas” (BAUER, 2002, pg. 190). De forma mais detalhada, Bardin caracteriza a técnica como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens) indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, pg. 42)

Com isso, a análise de conteúdo é um método empírico investigativo de caráter quantitativo, “que através de uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (BARDIN, 1977, pg. 36).

Segundo Bardin (1977), há três fases da análise de conteúdo. A primeira consiste numa pré-análise, um momento primordialmente voltado para a organização do material, determinação do objeto de estudo, da formulação das hipóteses e objetivos, além da elaboração dos indicadores que irão fundamentar a interpretação final.

A fase seguinte consiste na exploração do material, quando é codificado ou processado e categorizado em unidades de registro, que pode ser uma palavra, um tema ou uma frase. De acordo com Hosti (1977), a codificação “é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (HOLSTI in Bardin, 1977, pg. 103 e 104).

Bardin (1977) destaca que as categorias são rubricas ou classes, cujos componentes têm uma característica em comum e podem ser classificadas quanto a sua semântica (categorias temáticas), sintaxe (verbos, adjetivos), léxica (sentido da palavra - antônimo ou sinônimo).

Por fim, na última fase é realizado o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Aqui faz-se necessária a retomada do referencial teórico, para que se possa dar embasamento às inferências e interpretações da pesquisa.

#### 4.1 DELIMITAÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

O objeto de estudo desta pesquisa foram os tuítes utilizando as *hashtags* #metoo, #eutambem e #eutambém. A rede social escolhida para análise foi o *Twitter*, uma vez que a *hashtag* #metoo viralizou a partir deste site. Além disso, segundo Corrêa (2017), trata-se uma das redes sociais mais populares do mundo, na qual os usuários tendem a expressar suas opiniões de forma mais direta e sucinta, devido ao limite de 280 caracteres por publicação.

Como a pesquisa tem foco na análise de brasileiras no movimento #metoo, procurou-se utilizar tuítes originários do País. No entanto, embora o *Twitter* ofereça o serviço de geolocalização nos tuítes, ele é pouco utilizado pelos usuários, por isso para se aproximar mais do público no Brasil e obter um número maior de dados, optou-se por estudar apenas conteúdos em português.

O recorte temporal da análise foi do dia 15 de outubro de 2017 - data de publicação do tuíte da atriz norte-americana Alyssa Milano - até o dia 30 de abril de 2019 - data de realização da pesquisa, um ano e seis meses, portanto.

A princípio a coleta dos tuítes seria feita por meio da API<sup>21</sup> do *Twitter*, mas posteriormente foi verificado que a ferramenta só conseguiria disponibilizar dados de até sete dias. Como este trabalho foca em tuítes com início em 2017, não haveria como conseguir as informações necessárias para o prosseguimento da pesquisa.

Com isso, procurou-se na literatura especializada (Ciência da Informação, Marketing) outras formas de capturar as informações. Entre as soluções encontradas, destacam-se as que superam os limites da API, que são, em geral, linhas de programação em diversos softwares contendo comandos que retornem um maior volume de resultados.

---

<sup>21</sup> API é um conjunto de rotinas e padrões de programação para acesso a um aplicativo de software ou plataforma baseado na Web. A sigla API significa em inglês "Application Programming Interface". Em tradução para o português, "Interface de Programação de Aplicativos". Para conseguir trabalhar com o API do *Twitter*, é preciso fazer um requerimento ao site. (<https://developer.twitter.com/en/docs>)

Por fim, foram escolhidas duas ferramentas distintas para a coleta dos dados. A primeira foi a linguagem de programação em *Python*<sup>22</sup>, um software de código aberto, e a segunda, foi uma extensão do navegador de internet *Google Chrome*, chamada *Data Miner Scraper*, responsável por extrair dados de HTML<sup>23</sup> e os transformar em um arquivo de planilha do Excel ou do Google Sheets.

Em resumo, utilizou-se em cada técnica o uso de uma palavra-chave, no caso as *hashtags* do movimento *metoo*, para capturar os tuítes na data estabelecida.

#### **4.2 LEVANTAMENTO DOS TUÍTES: PYTHON**

Para trabalhar com a linguagem em *Python*, utilizou-se o editor Spider, uma plataforma onde é possível escrever o comando de programação, “rodá-lo” e obter os dados. Em seguida, foram determinados os comandos para que a programação capturasse os dados desejados.

Desta forma, os parâmetros estabelecidos foram a data de início (15/10/2017) e final (30/04/2019), a linguagem no idioma português e tuítes que utilizaram as *hashtags* #metoo, #eutambem e #eutambém.

Nesta fase, foi encontrada uma limitação: como a *hashtag* #metoo foi muito utilizada em inglês, a programação deixou de respeitar o parâmetro de linguagem e começou a baixar um volume muito alto de tuítes que não eram em português, superando 100 mil coletados em diversos idiomas. Assim, optou-se por procurar outras formas de captura dos dados para a *hashtag* #metoo.

Já os parâmetros para as *hashtags* #eutambem e #eutambém foram obedecidas pela programação. É importante observar que a técnica conseguiu um número menor do que a quantidade real de tuítes que foram publicados. Isso se dá devido a limitações do *Twitter* que não consegue capturar todos os tuítes.

#### **4.3 LEVANTAMENTO DOS TUÍTES: DATA MINER SCRAPER**

A filtragem dos tuítes com a *hashtag* #metoo apenas em português foi realizada a partir do *Data Miner Scraper*. Para isso, foi necessário fazer o *download* da extensão pelo Google Chrome.

---

<sup>22</sup> A linguagem em *Python* foi criada em 1991 pelo matemático e programador holandês, Guido Van Rossum. Ela possui uma mecânica simples, onde o raciocínio é reproduzido em algoritmos, além de ser uma multiplataforma livre, ou seja, ela consegue ser executada na maioria das plataformas existentes e caso alguma não aceite, qualquer desenvolvedor tem liberdade para modificar o código para que a linguagem se adeque

<sup>23</sup> HTML significa HyperText Markup Language. Em português, Linguagem de Marcação de Hipertexto. Em resumo, é uma linguagem básica para criar um site na web.

Após esse procedimento, o *Data Miner Scraper* realizou a leitura e coleta automática dos tuítes, gerando, por fim, uma planilha em *Excel*.

Assim como a extração de tuítes pela linguagem em *Python* teve limitações, com o *Data Miner Scraper* não foi diferente. Neste caso, a ferramenta só leu aquilo que o próprio site do *Twitter* forneceu. Desta forma, não foi construída uma programação para coletar os dados e o quantitativo de conteúdo foi reduzido, uma vez que a rede social, a partir de sua busca avançada, não consegue capturar todos os tuítes com a *hashtag* #metoo no período estipulado.

No entanto, como o objetivo da pesquisa é realizar a análise de conteúdo dos tuítes as limitações das duas técnicas de coleta não foram um impeditivo para a realização da pesquisa.

#### 4.4 TRATAMENTO DE DADOS

Após a definição do universo a ser trabalhado chegou-se ao total de 1.070 tuítes. Tendo em vista o tempo necessário para a realização da pesquisa foi necessário reduzir o número da amostra. Assim, ao seguir o critério da representatividade foram escolhidos 107 tuítes selecionados nos 10 dias de pico no Brasil. Com isso, o corpus da pesquisa corresponde a 10% do total de tuítes coletados.

Os dias de maior incidência das três *hashtags* (#metoo, #eutambem e #eutambém) ao longo do período delimitado nesta pesquisa (15/10/2017 a 30/04/2019) foram: 16, 17, 18, 19, 24, 25 de outubro de 2017; 06 e 20 de dezembro de 2017; 02 e 07 de janeiro de 2018. O gráfico abaixo mostra o quantitativo dos tweets ao longo do período analisado.



Fonte: a própria autora

Na tabela abaixo é possível verificar que os primeiros 4 dias registraram grande quantidade de tuítes. Na verdade, o mês de outubro daquele ano é marcado por muitas celebridades denunciando casos de assédio sexual, o que trouxe atenção da mídia para o tema e para a *hashtag*.

Figura 5 - Tabela com as datas e o quantitativo de tuítes correspondentes

<b>Data</b>	<b>Tuítes</b>
16/10/2017	8
17/10/2017	31
18/10/2017	16
19/10/2017	9
24/10/2017	8
25/10/2017	4
06/12/2017	15
20/12/2017	4
02/01/2018	5
07/01/2018	7
<b>Total</b>	<b>107</b>

Fonte: a própria autora

Destaca-se neste período, o dia 17/10/2017, que apresentou denúncias de assédio feitas por pessoas famosas. É o caso da cantora e atriz islandesa Björk que denunciou um cineasta dinamarquês de assédio sexual na produção de um filme em que fizeram juntos. Neste dia, também surgiram acusações de violência sexual supostamente cometido por Bob Weinstein, irmão de Harvey Weinstein.

No dia 18/10/2017, a ginasta estadunidense McKayla Maroney confirmou em seu perfil no *Twitter* ter sido assediada pelo médico Larry Nassar, dias depois, mais de 150 atletas o denunciaram também. Já no dia 25/10/2017, surgem denúncias contra o ex-presidente norte-americano George H. W. Bush.

O dia 06/12/2017 marcou a data de divulgação da escolha pela revista norte-americana *Times Magazine*, da Pessoa do Ano, título dado aos homens e mulheres que denunciaram ter sofrido assédio sexual. A tradicional lista anual de personalidades que influenciaram o mundo nomeou o grupo como The Silence Breakers (Os quebradores do silêncio, em português).

Já o dia 07/01/2018, ocorreu a premiação do Globo de Ouro, programa televisivo que homenageia a televisão e o cinema norte-americano. Na ocasião, a maioria das mulheres foi vestidas com roupas pretas como forma de protesto contra os assédios sexuais tão constantes na indústria cinematográfica.

## 5. ANÁLISE DE RESULTADOS

A partir da definição da amostra (107 tuítes), seguiu-se a recomendação de Bardin (1977) de realizar uma leitura inicial de todo o material colhido. Desta forma, foi possível perceber os termos e assuntos mais presentes dentro do universo analisado. Em sua grande maioria, os tuítes tinham como tema principal a violência sexual em suas diversas vertentes (estupro, assédio sexual, misoginia, etc.).

Em seguida, realizou-se a codificação do material. Como vimos com Bardin (1977), este processo consiste na categorização em unidades de registro dos dados brutos, que permitem esclarecer ao pesquisador as características do texto.

As categorias definidas foram: 1. O local onde ocorreu a violência sexual; 2. A relação da vítima com o autor do crime; 3. O sentimento da vítima pela violência e pelo movimento; 4. Rede de apoio ao *Me Too*. Notou-se ao longo da categorização, um grande número de postagens realizadas por veículos de imprensa (39 tuítes). Nestes casos, os textos não farão parte da análise, mas estão disponíveis em anexo.

### 5.1 CATEGORIA LOCAL

A seguir, os tuítes do período analisado que explicitaram os locais da violência. Importante notar que alguns tuítes se repetiram em categorias diferentes. É o exemplo do post: “para cada beijo forçado ou toque não consentido na balada/na vida, para cada ex-namorado que ouviu sim quando eu disse não #metoo #eutambem” que se encaixa nas categorias Local e Autor.

Figura 6 - Quadro dos tuítes da categoria Local

<b>Local</b>
Tentativas de beijos forçados e toques não consentido na <b>balada</b> . E a lembrança daquele ser q ouviu sim qdo eu disse NÃO!#eutambém #metoo
É mulher? Então já foi beijada contra vontade. Ah, foi "na <b>balada</b> ", "no <b>Carnaval</b> ", "na <b>pecuária</b> ". Não. Foi por ser mulher. #MeToo #EuTambem
Eu tinha 9 anos quando dobrando a esquina da <b>rua</b> , tinha um homem completamente pelado... foi apavorante #MeToo #EuTambem
#metoo #eutambém Eu já: - ouvi td tipo de grosserias sexuais na <b>rua</b> , desde os 12 - fui seguida por cara a pé e tive de entrar em comércio
para cada beijo forçado ou toque não consentido na <b>balada</b> /na vida. para cada ex-namorado que ouviu sim quando eu disse não: #metoo #eutambém
Ser agarrada e beijada a força em <b>festa</b> . Ter a saia levantada e ser tocada sem permissão. Ameaças na <b>rua</b> . #MeToo #EuTambém
#MeToo #EuTambém Levantaram a mão pra me bater quando eu me recusei a ir embora de uma <b>festa</b> só porque ele queria: sim.
Ser abordada na <b>rua</b> , a noite, por um estranho, vc sentindo medo e o cara achando que se é "elogio" você tem que ficar feliz #EuTambem #MeToo
Vivi relação abusiva, fui assediada por patrão e sofri assédio sexual no <b>metrô</b> do rio. Eu tive 1 namorado, 1 patrão, fui 1 vez ao rio #MeToo
No <b>trabalho</b> , na <b>festa</b> com "os amigos", na <b>rua</b> , na infância. #EuTambem#metoo
#metoo #EuTambem no caminho para escola no Setor Bueno em Goiânia, acontecia tanto homem que mostrava as partes na <b>rua</b> , que nem ligávamos mais...
Aos 23 anos, um cara bonito, parou do meu lado em <b>um sinal fechado</b> , me pediu o número de Telefone e me perseguiu por 4 km. #Metoo #EuTambém
Por parente, na <b>rua</b> , entre colegas, na <b>escola</b> , nos <b>transportes públicos</b> . Nós mulheres não estamos a salvo em lugar algum #Eutambém #Metoo

Fonte: a própria autora

A partir desta tabela, fez-se uma análise das palavras contidas nos tuítes. Com o auxílio do site WordArt<sup>24</sup>, criou-se uma nuvem de palavras com os termos mais usados na categoria. Veja imagem a seguir:

Figura 7 - Nuvem de palavras da categoria Local



Fonte: Word Art

A palavra ‘Rua’ está em maior destaque na nuvem. Ela apareceu 7 vezes na tabela, indicando o ambiente público como o local onde mais ocorreram assédios sexuais. O dado está de acordo com uma pesquisa do Datafolha de 2018, que aponta que uma em cada três brasileiras (29%) já sofreram assédio sexual na rua.

Outros ambientes denunciados foram respectivamente balada (3), festa (3) escola (2), metrô (1) e transporte (1). Os verbos que se relacionam a esses locais são ‘forçado’, ‘agarrada’, ‘bater’, ‘abordada’, ‘assediada’ e ‘perseguiu’, palavras que remetem a violência.

Como vimos em Pateman (1988), a sociedade e o Estado se estabelecem a partir do contrato sexual, que determina o domínio do homem sobre a mulher, onde reside a origem do patriarcado, entendido, portanto, como um poder político.

Segundo Saffioti (2004), o patriarcado garante ao homem direitos irrestritos ao corpo da mulher e representa uma relação de poder baseada na ideologia e na violência, a partir da ideia de exploração-dominação do sujeito feminino. Este regime se sustenta a partir de um

<sup>24</sup> O WordArt.com é um site que permite a criação de nuvens de palavras a partir de um texto. Ao se observar essa nuvem, nota-se que as palavras estão em tamanhos diferentes, o que indica a incidência de uma palavra no texto. Assim, quanto mais ela aparecer, maior seu tamanho será na imagem.

pacto masculino que visa assegurar aos homens o controle dos meios de produção e da reprodução da vida, transformando assim a mulher em objeto sexual e reprodutor.

A autora esclarece que o sistema patriarcal não está inserido apenas no círculo familiar, mas em todos os âmbitos da sociedade. Isso pode ser percebido nas funções definidas ao homem, como um indivíduo do espaço público. É ele quem possui o direito de participar da vida política e econômica. Já as mulheres, é reservado o papel de cuidadoras do lar, mães e esposas.

Segundo Belisário e Mendes (2019), as mulheres são submetidas, na cultura patriarcal, a serem objeto do olhar, do desejo e da ação masculinos.

O homem age e a mulher aparece. Homens olham mulheres. Mulheres se olham sendo olhadas. Isto determina não só muitas relações entre homens e mulheres mas as relações das mulheres com elas mesmas. A sobrevivência da mulher em si mesma depende do masculino: *the surveyed female*. Dessa forma, ela se torna objeto - particularmente um objeto de visão: uma vista. BERGUER, *apud* BELISÁRIO E MENDES, 2019, pg. 44)

Como podemos perceber a sobrevivência da mulher depende do olhar e da aprovação masculino. Esse olhar determina o ambiente da mulher que definitivamente não é o espaço público e da rua e sim o doméstico (filhos, casa, afazeres domésticos, marido).

Para Pereira, Costa e Júnior (2018), quando a mulher passa a ocupar o espaço público com sua entrada no mercado de trabalho e na vida política, a partir de suas manifestações feministas, a violência de gênero neste espaço pode ser entendida como uma forma do imaginário masculino restabelecer o poder sobre este feminino.

Saffioti (1999) explica que a violência de gênero tem relação com o forte papel de provedor das necessidades da família. A autora defende que é o aspecto “mais definidor da masculinidade. Perdido este status, o homem se sente atingido em sua própria virilidade, assistindo à subversão da hierarquia doméstica.” (1999, pg. 87).

Assim, notamos que os espaços públicos, como apontados na amostra ainda são um local de dominação masculina, onde ele tem uma certa liberdade em agir violentamente contra mulheres. E ao se firmar dentro deste local, as mulheres sofrem resistências e violências físicas e simbólicas.

## 5.2 CATEGORIA AUTOR

A tabela abaixo apresenta os tuítes da categoria Autor.

Figura 8 - Quadro dos tuítes da categoria Autor

<b>Autor</b>
Ser profissional e competente mas ser demitida de 3 dos 5 empregos q tive por não aceitar dar pro <b>chefe</b> só aconteceu pq sou mulher #EuTambem
#MeToo #EuTambem   por alguém da <b>família</b> .
para cada beijo forçado ou toque não consentido na balada/na vida. para cada <b>ex-namorado</b> que ouviu sim quando eu disse não: #metoo #eutambém
Pedi pro <b>colega</b> d trampo controlar o vocabulário ofensivo e sexual, diante da equipe, ele me desejou 1 estupro e tds riram #MeToo #Eutambem
Vivi relação abusiva, fui assediada por <b>patrão</b> e sofri assédio sexual no metrô do rio. Eu tive 1 <b>namorado</b> , 1 <b>patrão</b> , fui 1 vez ao rio #MeToo
No trabalho, na festinha com "os <b>amigos</b> ", na rua, na infância. #EuTambem#metoo
4 anos de medo durante a universidade por causa de um <b>professor</b> #eutambem 4 years of pure fear during college because of a professor #metoo
Transou comigo inconsciente. Meu primeiro <b>namorado</b> . Meu subconsciente veio me mostrar isso 5 anos depois. Toda a dor. #EuTambem #Metoo
#MeToo #EuTambém Sofri assédio e quase fui estuprada por um " <b>amigo</b> ". Ele distraiu td mundo eqt me alisava e falava: é só carinho.
Por <b>parente</b> , na rua, entre <b>colegas</b> , na escola, nos transportes públicos. Nós mulheres não estamos a salvo em lugar algum #Eutambém #Metoo
@Alyssa_Milano Com 12 anos sofri meu primeiro abuso, foi meu <b>dentista</b> . Depois disso fui violentada por um <b>motorista</b> de taxi. #MeToo #EuTambem
Meu <b>irmão</b> foi exonerado de uma universidade pública por ter assediado alunas e colegas de trabalho.

(Fonte: a própria autora)

Nesta categoria, as palavras ‘namorado’ e ‘colega’ foram as mais recorrentes, entre os autores citados nos tuítes analisados, com 3 repetições cada uma. Na imagem abaixo é possível perceber os dois termos em grande destaque:

Figura 9 - Nuvem de palavras da categoria Autor



Fonte: Word Art

A nuvem apresenta ainda múltiplos autores. Destacam-se as palavras ‘amigo’, ‘patrão’ e ‘professor’. Todas elas apareceram duas vezes.

Em relação à violência conjugal, Falcke, Oliveira, Rosa e Bentancur (2009) explicam que geralmente os homens avaliam as agressões como um ato corretivo pela desobediência da mulher. É comum eles dizerem em relatos, que as avisam dos comportamentos que o incomodam na parceira e, não sendo obedecidos, partem para uma agressão psicológica e/ou física, responsabilizando a mulher pela violência sofrida. Para além disso, eles afirmam que elas não se comportam como deveriam, ou seja, de acordo com os papéis sociais impostos à categoria mulher e que, portanto, caberia ao homem assumir o controle da situação.

Para Saffioti (2004), a forma como o homem é socializado o coloca em uma posição de caçador, devendo, portanto, perseguir sua caça, importando somente com seu próprio desejo, independente se a mulher o deseje ou não. Eles são ensinados a sempre competir, seja por um emprego, salários, promoções na carreira ou pela atenção da mulher. Outras características seriam a agressividade, a tomada de iniciativa e uma atitude mais ofensiva. A mulher, segundo a pesquisadora, inibe esses comportamentos, considerados masculinos. Elas devem ser dóceis e passivas.

Segundo Belisário e Mendes (2019), as mulheres são educadas para agradar o parceiro, apoiá-lo e a se sacrificar pela família. Sendo, portanto, muito comprometidas em fazerem o

relacionamento dar certo. Muitas vezes, em caso de violência, a mulher se culpa pelo ato, mesmo sendo a vítima e o ato do marido é minimizado como uma frustração causada por ela.

Os dados vão de encontram com pesquisas estatísticas sobre violência de gênero. De acordo com um levantamento publicado em março de 2019, pelo Jornal Folha de S. Paulo<sup>25</sup>, mostra que somente neste ano, 71% dos feminicídios e das tentativas foram cometidas pelo parceiro da vítima.

Já as palavras ‘chefe’ e ‘patrão’ remetem ao tipo de violência sexual presente no ambiente profissional. Aqui cabe mais uma vez a reflexão sobre o ambiente público e privado (Beauvoir, 1949; Pateman, 1988; Safiotti 2002). Se na configuração dos papéis sociais, cabe ao homem a obrigação de prover sua família, é, portanto, ele quem detém os meios de produção. A mulher, portanto, estaria privada de toda a relação sociopolítica. Logo sua entrada no mercado é uma forma de subversão política, por entrarem em um ambiente antes exclusivo aos homens.

Segundo Higa (2016), um dos fatores que contribui para a ocorrência de assédio sexual contra mulheres em ambiente de trabalho, pode ser a discriminação sexual, ou seja, as funções são distribuídas de acordo com o gênero - colocando as mulheres em situações em que favores profissionais se confundem com pessoais, além da verticalização dos cargos, assim há mais homens chefes do que mulheres.

---

<sup>25</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/71-dos-femicidios-e-das-tentativas-tem-parceiro-como-suspeito.shtml>

### 5.3 CATEGORIA SENTIMENTO

A tabela a seguir apresenta os tuítes da categoria “Sentimento”. Aqui foram selecionadas mensagens que expressassem como a vítima se sentiu em relação ao assédio e ao movimento *Me Too*.

Figura 10 - Quadro dos tuítes da categoria Sentimento

Sentimentos
#Eutambém sinto <b>orgulho da sua coragem</b> . Pois só quem já foi vítima de abuso sexual sabe como é difícil superar. Você não tá sozinha. #MeToo
Sobre essa tag #EuTambem <b>triste</b> em saber que tantas mulheres passam por isso todos os dias
#MeToo #EuTambém Todas já passamos por isso. E AINDA passamos. Duvido que os macho da vida iam <b>aguentar o tranco</b> que a gente passa.
#Metoo #EuTambém <b>cansada</b> desses caras que acham q o corpo das mulheres estão numa vitrine, que eles podem passar a mão na ‘peça’ qnd querem
#metoo #eutambem Difícil saber quem de nós nunca passou por algo tão <b>triste</b> como assédio/violência, né
#EuTambém Assediada, <b>humilhada</b> , violentada, estuprada, <b>invadida</b> . Isso tem que acabar.
Esse negócio de assédio; nós, mulheres, aprendemos desde criancinhas. Meu primeiro beijo foi <b>forçado</b> , pra terem uma noção. #MeToo #EuTambém
é muito ruim <b>perder a privacidade</b> , mas é fato que acontece com todas e não apenas uma vez. #MeToo #EuTambem
Vocês já conhecem nossas histórias de <b>dor</b> . Qual é o próximo passo? #MeToo #EuTambem
As mulheres não deveriam precisar <b>repetir suas dores</b> tantas vezes, mas o fazem. #MeToo #EuTambem
A mulher que nunca sofreu assédio, <b>constrangimento</b> ou violência sexual é realmente uma em um milhão #EuTambem #MeToo
Com <b>tristeza e revolta</b> eu digo: Eu também. #eutambem Se todas as mulheres que já foram vítimas de qualquer tipo...
Passou do consentimento é assédio/abuso. E não, NÃO é <b>normal</b> . #MeToo #EuTambem
#metoo #eutambem é <b>sufocante</b> o sentimento de <b>incapacidade</b> que fica cada vez que isso
Quando o assédio é tão <b>normal</b> que tu já perdeu a conta de quantas vezes foi <b>invadida</b> #MeToo #EuTambem
só uma vez, porque eu não permiti nunca mais. <b>maldito</b> , tá queimando no inferno #EuTambem #metoo
<b>Nojo</b> resume! #MeToo #EuTambém <a href="https://www.buzzfeed.com/kirstenking/o-que-significa-quando-as-mulheres-dizem-eu-tambem">https://www.buzzfeed.com/kirstenking/o-que-significa-quando-as-mulheres-dizem-eu-tambem</a> ...
Pistantrofobia é o <b>medo de confiar</b> nas pessoas devido a experiências negativas no passado. #abusosexual #estupro #EuTambem
Eu tinha 9 anos quando dobrando a esquina, tinha um homem completamente pelado... foi <b>apavorante</b> #MeToo #EuTambem

(Fonte: a própria autora)

A imagem a seguir apresenta a nuvem com os termos mais recorrentes nos tuítes. Nela as palavras ‘difícil’, ‘invadida’ e ‘violência’ estão em destaque por terem aparecido duas vezes na tabela.

O adjetivo normal também foi escrito duas vezes. Nestes casos, a palavra foi utilizada como uma crítica à naturalização da agressividade do homem, enfatizando que o comportamento não é “normal”.

Saffioti (1999), explica que a sociedade entende como natural que os homens maltratem as mulheres. Mais que isso, há uma tolerância e de certa forma um incentivo para que eles exerçam sua dominação. No entanto, os prejuízos ocorrem para ambos os gêneros.

A naturalização do feminino como pertencente a uma suposta fragilidade do corpo da mulher e a naturalização da masculinidade como estando inscrita no corpo forte do homem fazem parte das tecnologias de gênero (LAURETIS, 1987), que normatizam condutas de mulheres e de homens. (SAFFIOTI, 1999, pg. 77)

Segundo Teles (*apud* Schreiner, 2008), a violência de gênero é perpetuada pelas gerações, transmitidas tanto pelos homens quanto pelas mulheres, sendo o primeiro tipo de violência que o indivíduo tem contato. Desta forma, ela é tão arraigada nas relações humanas que é vista como natural, como parte da natureza humana. Assim, somente a partir da década de 1980, é que se começaram os estudos sobre os efeitos e as formas de erradicação do fenômeno na sociedade.

A naturalização da dominação e agressividade masculina, mostra como o agressor se sente à vontade para usar o corpo feminino da forma como quiser e a mulher, em consequência disso, se sente triste, constrangida, sufocada, incapacitada, humilhada, violentada, como relatado no tuítes coletados nesta pesquisa.

Sentimento como de estar sendo invadida (destaque na nuvem de palavras), demonstra como a mulher não tem o controle sobre o próprio corpo. Como vimos, na sociedade patriarcal, o homem tem a mulher como posse, seu comportamento responde a um padrão estabelecido pela sociedade que vê o feminino como um objeto de dominação. Segundo Schreiner (2008), a violência de gênero é entendida como todo ato cometido em nome da conservação de comportamentos atribuídos a ambos os gêneros.

Por meio da força bruta, inicialmente, forjou-se o controle masculino sobre as mulheres. Gradativamente foram introduzidos novos métodos e novas formas de dominação masculina: as leis, a cultura, a religião, a filosofia, a ciência, a política. Ao serem tratadas como propriedade dos homens, as mulheres perderam, em diferentes

níveis, a autonomia, a liberdade, e o mais básico direito de controle sobre o seu próprio corpo. (TELES, apud Schreiner, 2008, p. 30)

Figura 11 - Nuvem de palavras da categoria Sentimento



Fonte: a própria autora

## 5.4 CATEGORIA APOIO

A tabela abaixo mostra os tuítes que exprimem apoio ao movimento *Me Too*.

Figura 12 - Quadro dos tuítes da categoria Apoio

Apoio
Se todas as mulheres que já foram assediadas ou violentadas <b>escreverem</b> "Eu também" no status, podemos dar às pessoas uma <b>idéia da dimensão do problema</b> .
Se todas as mulheres que sofreram assédio <b>participarem</b> , podemos mostrar a magnitude do problema. #eutambém #MeToo
"pra que feminismo?" <b>entra</b> nas tags #EuTambem e #MeToo meu anjo
#MeToo #Eutambém A gente <b>não pode ignorar</b> a proporção disso...
eu <b>não quero falar sobre isso EU PRECISO</b> para que outras mulheres <b>quebrem o silêncio</b> #metoo #eutambém
Não é NADA fácil falar sobre assédio e expor os agressores. <b>Apoiem-se e nunca duvidem da vitima.</b> #MeToo #MeToo #EuTambém
#MeToo #EuTambém Para <b>mostrar</b> o quanto são comuns o assédio e o abuso contra mulheres.
<b>Dedicada</b> a todos os que ainda acreditam que nada - nunca - mudará. #MeToo
Mulheres que estão relatando suas experiências com a hash #metoo #eutambém - <b>sintam-se abraçadas</b> . #sororidade
INÚMERAS VEZES, mas <b>desistir de lutar JAMAIS!</b> #MeToo #EuTambém
segue uma cartilha sobre assédio no trabalho pra quem quiser se <b>informar</b> e meter o famigerado processo #eutambem <a href="https://drive.google.com/file/d/0B-wIkHLEXenBT29MbHQ5aTBSMFV6ZHdtMXZuNXFhLTBUtnM4/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/0B-wIkHLEXenBT29MbHQ5aTBSMFV6ZHdtMXZuNXFhLTBUtnM4/view?usp=sharing</a>
Sobreviventes de violência sexual <b>precisam contar</b> suas histórias para salvar a vida de outras vitimas e sobreviventes. #MeToo #EuTambem
#Yotambien #MeToo #EuTambem nessa bosta de sociedade machista, <b>gritar é necessário</b>
Assédio e abuso não têm lugar no esporte ou na sociedade. Nós <b>apoiamos</b> #MeToo e advogamos por um #EsporteSeguro. <a href="https://hub.olympic.org/library/safe-sport/">https://hub.olympic.org/library/safe-sport/</a> ...
Vamos precisar de mais que #EuTambém para que nossas experiências <b>sejam ouvidas</b> <a href="http://huffp.st/H05yKz">http://huffp.st/H05yKz</a>
Diante disso, precisamos que nossas pautas sejam <b>levadas a sério</b> . #MeToo #EuTambem
Tenho a convicção que vc <b>não é a única</b> .#eutambém
Isso q é tentar fazer a diferença no mundo. <b>Juntar forças e influências p combater</b> um mal q atinge mulheres do mundo todo. #MeToo
Pra desespero dos machistas, revista Time escolhe para personalidade do ano o movimento #MeToo <a href="http://ow.ly/3opD30h3rcS">http://ow.ly/3opD30h3rcS</a> . <b>Mto bom!</b>
Isso sim é uma capa <b>DIGNA de aplausos</b> , @RevistaSTOE. Mulheres do #MeToo #EuTambém <b>lindamente homenageadas</b> .
A revista @TIME escolheu o movimento #MeToo como 'Personalidade do Ano 2017' e fez essa capa com algumas das mulheres que <b>quebraram o silêncio</b> contra o assédio sexual e <b>deram voz</b> a milhares de outras pelo mundo.
"Pessoa do Ano" da revista Time de 2017 vai para as mulheres que <b>quebraram o silêncio</b> sobre o abuso sexual! O movimento social provocou mudanças como não viamos em décadas! #MeToo
<b>Mulheres de preto contra o assédio</b> no #GoldenGlobes2018. <b>Mensagem fortíssima</b> . #MeToo #TIMESUP <a href="https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/globo-de-ouro-2018-fotos.ghtml">https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/globo-de-ouro-2018-fotos.ghtml</a> ...
Inteiraente inédito. A red carpet do #GoldenGlobes está dominada por uma cor só, vieram todos de preto em <b>solidariedade</b> com #MeToo e #Timesup
Nós estamos aqui <b>colocando nossos pijaminhas pretos</b> pra acompanhar já já o #GoldenGlobes2018 #TIMESUP #MeToo
Estes Golden Globes e os futuros Óscares vão ser certamente cerimônias centradas no #TimesUp e no #MeToo e estou ansiosa como nunca estive. Finalmente. <b>Nós, mulheres, merecemos ter finalmente o nosso tempo de antena</b> .
A iniciativa é muito bem escrita e será bem executada. Meryl, Natalie, Reese e grandes outras artistas <b>unidas pra acabar com esse mal</b> em Hollywood! #MeToo
Acaba de sair na revista @TIME que o movimento social dessas mulheres, #MeToo ,foi escolhido como "Personalidade do ano 2017!". <b>Estamos no caminho certo!!!</b> #MexeuComUmaMexeuComTodas #GirlPower

Fonte: a própria autora

A palavra ‘mulher’ foi a mais utilizada, com 12 repetições. No contexto das frases, as pessoas do gênero feminino foram colocadas como as vítimas mais recorrentes de violência. Seguida de ‘podemos’ ‘mostrar’ e ‘falar’.

A imagem a seguir demonstra a incidência dos termos nos tuítes:

Figura 13 - Nuvem de palavras da categoria Apoio



Fonte: a própria autora

Note, na imagem acima, as palavras que remetem a incentivo para que os usuários continuassem a postar a *hashtag* #metoo. Entre elas estão a ‘mostrar’ e ‘falar’, sendo mostradas 2 vezes cada uma, além de ‘participarem’, ‘quebrem’ e ‘informar’. Todas aparecendo uma única vez.

Termos com sentido de união também estiveram presentes nesta categoria, como as palavras ‘podemos’, ‘sintam-se abraçadas’, ‘sororidade’, ‘apoiamos’, ‘advogamos, ‘juntar forças’.

Segundo Mendes, Keller e Ringrose (2018), o uso da *hashtag* feminista nas redes sociais contribui para dois fatores. O primeiro refere-se a criação de uma consciência coletiva acerca do tema discutido. No caso do #metoo, muitos tuítes incentivavam as pessoas a publicarem suas histórias de assédio, justamente para que se tivesse uma ideia da dimensão do

problema. Com isso, esse mecanismo permite entender a violência sexual como resultado de uma construção da sociedade, presente em sua estrutura, mais do que apenas uma experiência solitária da vítima.

O segundo, é a oportunidade de desenvolver o que a pesquisadora denominou de solidariedade feminista. Assim, mulheres que não tinham familiaridade com o feminismo passam a procurar informações sobre o assunto se tornando agentes em prol da causa.

Mendes, Keller e Ringrose (2018) ainda defendem que o ciberfeminismo está fundando uma mudança coletiva para uma sociedade mais justa. Para as autoras, as plataformas digitais estão tornando as demandas das mulheres visíveis, o que pode gerar efeitos como o observado no *#metoo*, onde homens poderosos estão sendo questionados pelos seus comportamentos sexistas.

Para Rocha (2017), a internet possibilita uma forte interação e integração entre as mulheres que compartilham das suas vivências. As teias relacionais no *online* tem força para se expandir para o *offline*, tendo no digital uma ferramenta de expansão das ideias feministas.

Essa mecânica pôde ser vista no dia 07 de janeiro de 2018, quando atrizes de Hollywood vestiram roupas pretas na premiação do Globo de Ouro, nos Estados Unidos, como forma de protesto contra o assédio sexual na indústria cinematográfica, impulsionado pelo movimento *Me Too*. Como consequência, o acontecimento gerou repercussão na sociedade, na imprensa e nas redes sociais.

Nos dados coletados nesta pesquisa, a data registrou o quarto maior pico das *hashtags* *#metoo*, *#eutambem* e *#eutambém* no Brasil. Alguns conteúdos das mensagens citavam a premiação como forma de elogio ao protesto e ao movimento em si.

Como vimos em Rocha (2017), a internet possui um grande poder expansionista, onde uma informação pode percorrer o mundo em uma rápida velocidade. O caso do protesto no Globo de Ouro foi um exemplo disso. Ao chegar nas redes as primeiras imagens das atrizes de vestido preto desencadeou um alto índice de tuítes relacionados ao movimento *Me Too*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, o assédio sexual é uma dura realidade que afeta a vida de muitas mulheres brasileiras. Como foi visto neste trabalho, a pesquisa do Datafolha, de 2017, aponta que 42% das mulheres declararam terem sido assediadas. Segundo o Instituto Patrícia Galvão e Locomotiva de 2018, mostra que 97% das mulheres do Brasil, maiores de 18 anos, já sofreram este tipo de violência no transporte público diariamente. Os dados da mesma pesquisa mostram que os olhares insistentes foram o tipo de comportamento masculino mais frequentes, destacado por 41% das respondentes. Além disso, 71% das entrevistadas confirmaram conhecer uma mulher que tenha sofrido assédio sexual em espaço público, ambiente tido como perigoso. Muitas dessas mulheres (72%), consideraram esse dado na hora de aceitar um emprego.

Infelizmente, o assédio sexual não é uma realidade brasileira, como provou o movimento de denúncia de assédios via redes sociais chamado *Me Too*. Criado em 2006 pela ativista social Tarana Burke, esse movimento popularizou-se mundialmente, em 2017, a partir de denúncias contra Harvey Weinstein, poderoso magnata de Hollywood. O objetivo do movimento, predominantemente no *Twitter*, foi incentivar mulheres a compartilhar suas histórias de violência sexual em um ambiente solidário, construindo caminhos para combater esse tipo de crime de origem patriarcal.

A *hashtag* #metoo surgiu, a partir de um tuíte da atriz Alyssa Milano sugerindo que outras pessoas que foram igualmente assediadas, escrevessem nas redes sociais ‘*me too*’ (eu também, em português) como forma de denunciar o assédio sexual, violência tão naturalizado contra as mulheres do mundo. Após uma série de celebridades denunciarem esse tipo de crime, postando a *hashtag*, o movimento atraiu a atenção da sociedade e da mídia.

A exemplo do #metoo, o ativismo online que denuncia casos de assédio sexual, não é nenhuma novidade no nosso país. Na verdade, o Brasil é pioneiro em termos de ciberfeminismo, tendo sido criado aqui o movimento #chegadefiufiu, #meuprimeiroassedio e #meuamigosecreto. No entanto, foi o *Me Too* o que alcançou níveis de repercussão global, como vimos na plataforma do *Google*, *Me Too Rising*, que mostra as principais localidades onde a *hashtag* está sendo utilizada.

Pensando neste aspecto, a presente pesquisa buscou entender como se deu a *hashtag* #metoo no *Twitter* brasileiro. Os questionamentos levantados, que originaram o trabalho, foram: As brasileiras e brasileiros denunciaram casos de assédio sexual na *hashtag* #metoo? Qual foi o período de maior frequência? E quais os temas mais abordados?

Para responder as perguntas, foi usado do método de análise de conteúdo das postagens brasileiras no *Twitter* que utilizaram a *hashtag* #metoo e ainda suas duas variações em português, #eutambem e #eutambém. O período identificado de maior pico no Brasil foi entre 15 de outubro de 2017 e 30 de abril de 2019. Ao todo, foram coletados 1.070 tuítes, seguindo a regra de representatividade estabelecido por Bardin (1977). Entretanto, selecionamos as categorias para delimitar melhor o *corpus* de estudo. Assim, foram analisados 107 tuítes, o que corresponde a 10% do total.

O material foi então dividido em cinco categorias a saber: 1. O local onde ocorreu a violência sexual; 2. A relação da vítima com o autor do crime; 3. O sentimento do usuário pela violência e pelo movimento *Me Too*; 4. O apoio ao movimento; 5. Tuítes publicados por veículos de imprensa. A partir disso, foi criada uma nuvem de palavras com os termos mais frequentes com o auxílio da ferramenta Word Art.

Na análise da categoria “Local”, percebeu-se que no Brasil os assédios ocorrem principalmente no espaço público, ambiente de dominância masculina. A rua, o trabalho, os transportes públicos são, portanto, locais muito perigosos para a mulher do nosso país. Nestes espaços, elas são vistas como meros objetos do olhar e desejo sexual dos homens. Isso comprova que quando a mulher sai do espaço doméstico (lar, afazeres domésticos, filhos, família etc) ao qual tem estado sempre relegada, a mulher, ainda hoje no século XXI, fica na condição submissa ao poder masculino, sobretudo em ambientes laborais, onde homens brancos, heterossexuais e de alto nível de escolaridade, são a maioria e detentores dos meios de produção.

Neste cenário, observamos que na categoria “Autor” a figura do namorado (compreendido como companheiro, parceiro, marido) se destaca como principal agressor. Isso sugere que a temática de assédio sexual abarcou outros tipos de violência contra a mulher (doméstica e estupro), mesmo em um ambiente onde a vítima supostamente deveria ter segurança.

Na categoria “Sentimentos”, observou-se a naturalização da agressividade masculina nos tuítes brasileiros, colocada em xeque quando verifica-se o número elevado de feminicídios, estupros, tráfico de mulheres e violências em geral em terras brasileiras.

Os achados mostram que a dominação do homem sobre a mulher tem origem no patriarcado. O homem se julga dono do corpo e da vontade feminina. Assim opera-se a relação de poder masculina em todos os locais, sobretudo os públicos, cometidos por namorados, colegas, chefes e amigos.

Em pleno século XXI, o homem brasileiro é visto como dono exclusivo do espaço público, provedor da família, tem mais liberdade de ir e vir, comportamento agressivo e direito ao domínio sobre o outro gênero. A mulher, por outro lado, tem a “obrigação” e dever moral de ser “bela, recatada e do lar”, como sugerido por uma coluna da revista *Veja* de 2016, ao se referir ao papel da então primeira-dama Marcela Temer.

Para mudar essa realidade, aposta-se nas mídias digitais (com todos os seus prós e contras), com destaque para a #metoo, para incentivar a participação feminina na denúncia de violências diversas. Trata-se de uma forma de refletir sobre a realidade naturalizada e conscientizar futuras gerações, criando conscientização e redes de apoio à mulher.

Desta forma, a pergunta feita no início da pesquisa foi confirmada. As brasileiras denunciaram sim o assédio sexual usando a *hashtag* #metoo, #eutambem e #eutambém, sobretudo sob influência da mídia internacional. É notória a nossa dependência de eventos midiáticos de grande repercussão sobre violências cometidas contra as mulheres e denunciadas pelo #metoo, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa. Neste sentido, a *hashtag* ganhou grande visibilidade no *Twitter* brasileiro a partir da escolha do movimento como personalidade do ano pela revista *Times*. Também contribuiu para isso o protesto das artistas internacionais que se vestiram de preto alertando contra a violência de gênero, durante a premiação do Globo de Ouro.

Esta pesquisa não se esgota neste estudo, uma vez que foram identificados 1.070 tuítes que merecem ser exploradas. O pouco tempo e prazos estabelecidos limitaram a capacidade de investigar mais profundamente a *hashtag* no Brasil. No entanto, os resultados mostram como o tema é relevante e que ainda é necessário muito trabalho para mudar uma cultura estabelecida há séculos que naturaliza o assédio sexual e outras violências cometidas contra a mulher.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Jade Vilar de. **Feminismo de revista: Análise da apropriação do movimento feminista pelo mercado a partir da revista Elle**. 2017. 125 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BAUER, MW. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: Bauer MW, Gaskell G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 3a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002. p.189-217.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELISÁRIO, Kátia Maria; MENDES, Kaitlynn. **Mídia e Violência Doméstica: A cobertura jornalística dos crimes de violência doméstica no Brasil e no Reino Unido**. In: BELISÁRIO, Katia Maria; MOURA, Dione O.; GUAZINA, Liziane Soares (Org.). Gênero em Pauta: Desconstruindo novos caminhos. Brasília: Appris, 2019. Cap. 3. p. 41-51

BELISÁRIO, Katia Maria. **Questão de Gênero: Representação feminina e preconceito em Portugal e no Brasil**. In: PRIOR, Hélder; GUAZINA, Liziane; ARAÚJO, Bruno (Org.). DIÁLOGOS LUSÓFONOS EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA. Covilhã, Portugal: Labcom.ifp, 2016. Cap. 6. p. 151-166.

BERTCH, Ana Maria; COSTA, Angelo Brandelli. **Objetificação e saúde mental**. Porto Alegre (RS): VIII Seminário Corpo Gênero e Sexualidade, 2018.

BITTENCOURT, Naiara Andreoli. **Movimentos Feministas**. Insurgência, Brasília, v. 1, n. 1, p.198-210, jun. 2015.

BLAY, Eva. **8 de março: conquistas e controvérsias**. Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 2, p. 601, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BOYD, D.M., ELLIDON, N. B. (2007). **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. Journal of Computer Mediated Communication, 13(1), 210-230.

CARMONA, Tadeu. **Tudo o que você precisa saber sobre Twitter**. São Paulo: Digerati Books, 2009.

CARVALHO, M. S. R. M. de. **A trajetória da Internet no Brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. 2006. 239 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2006. Disponível em: <<http://www.nethistory.info/Resources/Internet-BR-Dissertacao-Mestrado-MSavio-v1.2.pdf>>. Acesso em: 19 de novembro de 2019

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. v.1. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CORRÊA, Igor. **Análise de sentimentos expressos na rede social *Twitter* em relação aos filmes indicados ao Oscar 2017**. In: Universidade Federal de Uberlândia. 2017.
- CRENSHAW, Kimberlé. (2002). **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação social relativos ao gênero**. Revista dos Estudos Feministas. 10(1), 171-188.
- DIAS, Isabel. **Violência contra as mulheres no trabalho: O caso do assédio sexual. Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 57, p. 11-23, maio 2008. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65292008000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292008000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 18 novembro 2019.
- FALCKE, Denise; OLIVEIRA, Denise Zagonel de; ROSA, Larissa Wolff da e BENTANCUR, Maria. **Violência conjugal: um fenômeno interacional**. Contextos Clínic, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 81-90, 2009. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822009000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 18 Novembro. 2019.
- FERREIRA, Virgínia (1988) **O Feminismo na Pós-modernidade**, Revista Crítica de Ciências Sociais, 24, 93-106.
- HENKER, Eduarda Rodrigues; PEREIRA, Angélica Moreira. **Ciberativismo e feminismo: uma análise das postagens do movimento #meuamigosecreto**. In: Iniciacom, v. 8, n. 1, 2019.
- HIGA, Flávio da Costa. **Assédio sexual no trabalho e discriminação de gênero: duas faces da mesma moeda?**. Revista Direito GV, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 484-515, mai. 2016. ISSN 2317-6172. Disponível em: Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322016000200484&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322016000200484&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 18 Novembro. 2019.
- IOP, E. **Condição da mulher em sociedades patriarcais**. Visão Global, Joaçaba, v. 12, n. 2, p. 231-250, 2009.
- LEMONADE, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: novos discursos do feminismo em redes eletrônicas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- LEVY, Pierre. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 9, dez.1998.
- LOPES, Vilma de Souza. **Empoderamento, representatividade e crítica ao racismo em Lemonade**, Beyoncé, 2016. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes. 3. ed, 1993.

MACEDO, Ana Gabriela. **Pós-feminismo**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 813, set. 2006. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300013>>. Acesso em: 18 novembro 2019.

MC. ROBBIE, A. **Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero**. In: CURRAN, J; MORLEY, D. Media and Cultural Theory. London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69. Tradução: Márcia Rejane Messa.

MENDES, K. (2015). **SlutWalk: Feminism, Activism and Media**. Nova Iorque. Palgrave MacMillan.

MENDES, Kaitlynn; RINGROSE, Jessica; KELLER, Jessalynn. **# MeToo and the promise and pitfalls of challenging rape culture through digital feminist activism**. European Journal of Women's Studies, v. 25, n. 2, p. 236-246, 2018.

MENDES, Kaitlynn; KELLER, Jessalynn; RINGROSE, Jessica. Speaking 'unspeakable things': Documenting digital feminist responses to rape culture. Journal of Gender Studies, v. 27, n. 1, p. 22-36, 2018. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09589236.2016.1211511>. Acesso em 18 Novembro 2019.

MORIN, Tania Machado. **Práticas e representações das mulheres na Revolução Francesa: 1789-1795**. São Paulo: Catálogo USP, 2009.

MOURA, K. F. ; MANDAJI, C. F. S. **A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013**. In : XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Anais... Palhoça : INTERCOM, 2014. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>> Acesso em 18 de novembro de 2019.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Tradução de Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Ana Maria de; CARDINS, Jitana, Sara da Cunha. **Uma análise do Twitter como ferramenta informativa no jornalismo móvel**. Revista Temática. João Pessoa, PB. viii, n.4, 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0839-1.pdf> Acesso em: 18 de novembro 2019.

PEREIRA, Marynna Laís Quirino et al. **Revisão do conceito de assédio sexual praticado contra mulheres no Brasil**. Revista dos Tribunais| vol, v. 994, n. 2018, p. 449-480, 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Revista Sociologia Política 18 (36), Curitiba, jun. 2010, pp.15-23.

PISCITELLI, A. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. Diferenças, Igualdade. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009.

RECUERO, Raquel. **REDES SOCIAIS NA INTERNET**. Porto Alegre : Sulina Ed. 2009.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. **Em busca das “redes que importam”: Redes Sociais e Capital Social no Twitter**. GT Comunicação e Cibercultura, XVIII Encontro da Compós. Belo Horizonte, 2009c. Disponível em:<[http://www.compos.org.br/data/trabalhos\\_arquivo\\_coirKgAeuz0ws.pdf](http://www.compos.org.br/data/trabalhos_arquivo_coirKgAeuz0ws.pdf)> Acesso em: 18 Novembro 2019.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. **“RT, por favor”: considerações sobre a difusão de informações no Twitter**. Revista Fronteiras: estudos midiáticos, São Leopoldo, v. 12. n 2, p. 69-81, maio/ago. 2010.

REIS, Josemira Silva. Feminismo por *hashtags*: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress, Florianópolis, 2017. Disponível em:<[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503731675\\_ARQUIVO\\_josemirareis\\_fazendogenerov2.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503731675_ARQUIVO_josemirareis_fazendogenerov2.pdf)>. Acesso em: 18 Novembro 2019.

RIBEIRO, D. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. SUR - Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016

ROCHA, Fernanda de Brito. **A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS. 2017

RODRIGUES, Alexandra Gato; GADENZ, Danielli; LA RUE, Letícia Almeida de. **Feminismo.com: O movimento feminista na sociedade em rede**. Derecho y Cambio Social. Peru, 2014.

ROMEIRO, Nathália; DA SILVA, Franciéle Carneiro Garcês. **A Folksonomia das *hashtags* como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: Avaliação da *hashtag# mexeucomumamexeucomtodas***. RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 14, n. 2, p. 215-232, 2018.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I.B.. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cad. Pagu, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 Novembro. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 13, n. 4, p. 82-91, 1999. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009&lng=en&nrm=iso) Acesso em 18 de Novembro de 2019

SALVADOR, Silvia Moreira; CORREIA, Maria Joana Casagrande Soares. **Site Think Olga: O feminismo brasileiro nas plataformas digitais.** *Revista da iniciação científica*, v. 2, 2017.

SANTOS, F. **O ciberativismo como ferramenta de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil.** *Anagrama*, v. 5, n. 1, p. 1-7, 12 jun. 2011.

SCHREINER, Marilei Teresinha. O abuso sexual numa perspectiva de gênero: o processo de responsabilidade da menina. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91004/252702.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 18 Novembro 2019

SIBILIA, P. **Os diários Íntimos na Internet e a Crise da Interioridade Psicológica.** Olhares sobre a Ciberculuta. Editora Sulina. Porto Alegre, 2003. p 139-152.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo.** *Revista USP*, São Paulo. V. 1. pp. 28-39, 2010.

SOUZA, Juliana Mello. **Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos.** *Media & Jornalismo*, v. 17, n. 30, p. 71-83, 2017.

ZAGO, Gabriela da Silva; BATISTA, Jandré Corrêa. **Ativismo e agendamento nos Trending Topics do Twitter: o caso Wikileaks.** *Contemporânea (UFBA)*, v. 9, n. 2, 2011.

## ANEXOS

Figura 14 - Quadro dos tuítes da categoria Imprensa

<b>Imprensa</b>
#EuTambém: mulheres criam novo movimento nas redes sociais para denunciar casos de assédio <a href="http://bit.ly/2xNd6KR">http://bit.ly/2xNd6KR</a> #MeToo <a href="http://pic.twitter.com/yPINzwBe7r">pic.twitter.com/yPINzwBe7r</a>
Compartilhe com a gente sua história de assédio sexual #metoo #eutambém <a href="http://bzfd.it/2kVH35h">http://bzfd.it/2kVH35h</a>
#EuTambém: Atriz cria hashtag e expõe a magnitude mundial do assédio sexual <a href="http://uol.com/bpkj7V">http://uol.com/bpkj7V</a> @UOL <a href="https://cinema.uol.com.br/noticias/bbc/2017/10/17/eutambem-atriz-cria-hashtag-e-expoe-a-magnitude-mundial-do-assedio-sexual.htm">https://cinema.uol.com.br/noticias/bbc/2017/10/17/eutambem-atriz-cria-hashtag-e-expoe-a-magnitude-mundial-do-assedio-sexual.htm</a> ... via @UOLCinema @UOL
Mulheres que denunciaram assédio em Hollywood são eleitas personalidades de 2017 pela @TIME '. Elas deram início ao movimento #EuTambém e denunciaram o machismo na sociedade americana. #MeToo #16Dias <a href="http://www.huffpostbrasil.com/2017/12/06/mulheres-que-denunciaram-assedio-em-hollywood-sao-eleitas-personalidades-de-2017-pela-time_a_23298828/?ncid=fbknkbrhpmg00000004">http://www.huffpostbrasil.com/2017/12/06/mulheres-que-denunciaram-assedio-em-hollywood-sao-eleitas-personalidades-de-2017-pela-time_a_23298828/?ncid=fbknkbrhpmg00000004</a> ... #ViolenciaDeGenero
TIME elege o movimento #MeToo como personalidade do ano de 2017
Movimento #MeToo transformações sociais em todo o mundo após denúncias de abusos feitas contra Harvey Weinstein <a href="http://ow.ly/h1DB30h3v0G">http://ow.ly/h1DB30h3v0G</a>
Mulheres que "quebraram o silêncio" são eleitas as personalidades do ano pela revista Time #MeToo #TIMEPOY <a href="http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-136138/">http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-136138/</a>
Revista Time escolhe movimento #MeToo "como pessoa do ano" <a href="https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/revista-time-escolhe-movimento-metoo-como-pessoa-do-ano,8f872d279eda5260fe8ddfd2265ce1ccbmfrrwvf.html">https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/revista-time-escolhe-movimento-metoo-como-pessoa-do-ano,8f872d279eda5260fe8ddfd2265ce1ccbmfrrwvf.html</a> ...
As mulheres do movimento #metoo, que denunciaram diversos assédios de personalidades famosas, ganharam o prêmio de Pessoas do Ano da Time <a href="https://g1.globo.com/mundo/noticia/movimento-de-mulheres-que-denunciaram-o-assedio-e-escolhido-personalidade-de-2017-pela-revista-time.ghtml">https://g1.globo.com/mundo/noticia/movimento-de-mulheres-que-denunciaram-o-assedio-e-escolhido-personalidade-de-2017-pela-revista-time.ghtml</a>
Mulheres que romperam silêncio e denunciaram abusos sexuais são Pessoa do Ano da revista "Time" <a href="http://p.dw.com/p/2orMx">http://p.dw.com/p/2orMx</a> #MeToo
Poderíamos dizer que em 2017 não foi diferente. Mas, na verdade, foi. Uma linha do tempo divulgada no site da Time demonstra que 2017, de janeiro (com a #WomensMarch) a dezembro (com mais uma hashtag que reforçou a conversa, a #MeToo), foi das mulheres: <a href="http://ti.me/2zV6OpC">http://ti.me/2zV6OpC</a>
Mais mulheres se manifestam, o abuso está em tds lugares. Let's keep #MeToo trending @lolaescreva
Vamos falar de assédio e da #MeToo (#EuTambém). Você já sofreu assédio? Conta na #SaiaJusta
Educação, a repercussão do #EuTambém (#MeToo) e gastronomia social são os temas de hoje no #SaiaJusta! Já tá no ar, vem com a gente!
Não é não! #MeToo #EuTambém #SaiaJusta
Vejam bem. Usuários questionam se a outra rede esconde denúncias do feed de homens <a href="https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/10/18/metoo-usuarios-questionam-se-facebook-esconde-denuncias">https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/10/18/metoo-usuarios-questionam-se-facebook-esconde-denuncias</a>
Nas redes sociais, as mulheres estão usando a hashtag #MeToo e #EuTambem para falar sobre assédio: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=dOdSzYo02mQ">https://www.youtube.com/watch?v=dOdSzYo02mQ</a> ...

A criadora da hashtag #metoo foi uma mulher negra, e difundida pela atriz Alissa Milano, você sabia? #eutambem
"Mais de uma vez, e eu ainda tenho só vinte e quatro #eutambem #quebreosilencio" Maia via IG.
#EuTambém surge da impunidade e da cultura do silêncio em relação à violência sexual, diz @phumzileunwomen #MeToo <a href="http://www.onumulheres.org.br/noticias/eutambem-surge-da-impunidade-e-da-cultura-do-silencio-em-relacao-a-violencia-sexual-diz-onu/">http://www.onumulheres.org.br/noticias/eutambem-surge-da-impunidade-e-da-cultura-do-silencio-em-relacao-a-violencia-sexual-diz-onu/</a> ...
A hashtag #metoo / #eutambem foi criada para que mulheres compartilhem como são assediadas... <a href="https://www.instagram.com/p/Baoo-8-F0lI/">https://www.instagram.com/p/Baoo-8-F0lI/</a>
"#MeToo: a importância de se quebrar o silêncio" <a href="https://medium.com/revista-subjetiva/metoo-a-import%C3%A2ncia-de-se-quebrar-o-sil%C3%A2ncia-fddd1624f00d">https://medium.com/revista-subjetiva/metoo-a-import%C3%A2ncia-de-se-quebrar-o-sil%C3%A2ncia-fddd1624f00d</a> ... #EuTambém #YoTambien
#EuTambém – e daí? <a href="http://www.leiaquibrasil.net/eutambem-e-dai/">http://www.leiaquibrasil.net/eutambem-e-dai/</a>
<a href="https://www.metrojornal.com.br/cultura/2017/10/17/lars-von-trier-nega-ter-assediado-bjork-e-ela-responde-com-lista-de-momentos-em-que-foi-intimidada.html">https://www.metrojornal.com.br/cultura/2017/10/17/lars-von-trier-nega-ter-assediado-bjork-e-ela-responde-com-lista-de-momentos-em-que-foi-intimidada.html</a> ...
Oprah encerra seu discurso afirmando que o tempo de silêncio e abusos acabou e que vai chegar o dia em que ninguém precisará usar a hashtag #MeToo #TIMESUP
Participam da campanha "Time's Up" que busca denunciar o assédio em Hollywood e conscientizar sobre a violência contra a mulher. #GoldenGlobes #MeToo #AssédioNuncaMaispic.twitter.com/JYXebGBxFK
HOLLYWOOD CONTRA O ASSÉDIO - Mulheres e homens compareceram de preto ao #GoldenGlobes, um dos maiores prêmios da indústria cinematográfica #MeToo
#MeToo no MMA   Americana relata assédio sexual de médico antes de luta <a href="https://trib.al/SS11gpS">https://trib.al/SS11gpS</a>
#EuTambem traz relatos de assédio contra atrizes e outras vítimas <a href="http://dlvr.it/PwWRYv">http://dlvr.it/PwWRYv</a> via @CLCidania
"A #EuTambém virou um grito de guerra para a população feminina. Mulheres de todos os cantos do planeta estão... #metoo #eutambem
Apesar de todo o mal que esse tipo de situação nos causa, devemos falar sobre isso. <a href="https://m.oglobo.globo.com/sociedade/metoo-mulheres-relatam-historias-de-assedio-21963029">https://m.oglobo.globo.com/sociedade/metoo-mulheres-relatam-historias-de-assedio-21963029</a> ...
Hoje é o Dia Internacional da Solidariedade Humana e o movimento @ElesPorElas lançou uma chamada urgente contra o assédio sexual. Participe hoje nas redes com:#QuebreOSilêncio #ContraOAssédioSexual #ElesPorElas #HeForShe Saiba mais: <a href="http://bit.ly/h4s-assedio">http://bit.ly/h4s-assedio</a> #MeToo #EuTambém
O silêncio dos homens contribui para a injustiça. Hoje, no Dia Internacional de Solidariedade Humana, a idealizadora do #ElesPorElas #HeForShe, Elizabeth Nyamayaro, convoca homens a se manifestar contra o assédio sexual @ElesPorElas <a href="http://bit.ly/elesporelas-solidariedade">http://bit.ly/elesporelas-solidariedade</a> ... #MeToo #EuTambém
O movimento @ElesPorElas lançou uma chamada urgente contra o assédio sexual. Participe hoje nas redes com:#QuebreOSilêncio #ContraOAssédioSexual #ElesPorElas #HeForShe Saiba mais: <a href="http://bit.ly/h4s-assedio">http://bit.ly/h4s-assedio</a> #MeToo #EuTambém
Um belo jeito de começar 2018, rompendo o silêncio e clamando por mudanças positivas e igualdade em todos os âmbitos. Vem saber mais sobre o movimento #TIMESUP! . . <a href="http://www.ontheroadbyjulianaschmidt.com/single-post/Times-Up">http://www.ontheroadbyjulianaschmidt.com/single-post/Times-Up</a> ... #metoo #empoderamentofeminino #WomenEmpowerment #timesupnow #fashionblog #ontheroad
O movimento #MeToo tem sido um rolo compressor, arrasando décadas de hostilidade e abuso, e nenhuma indústria... <a href="https://fb.me/6mucRCFPF">https://fb.me/6mucRCFPF</a>
Romper com os padrões culturais sexistas: uma necessidade para erradicar a violência contra as mulheres! #Nenhumaamenos #16dias #SemViolência #EuTambém #DoCompromissoàAção @PNUD

Fonte: a própria autora